



PEDAGOGIA E DIDÁTICA

Pr Jamiel de Oliveira Lopes

Curso Médio em Teologia



**CETADEB – Centro Educacional Teológico das
Assembléias de Deus no Brasil**

Rua Antônio José de Oliveira, 1180

Bairro São Carlos - Cx. Postal 241

86800-490 – Apucarana – PR

Fone/Fax: (43) 3426-0003

Celular: (44) 9131-6417

E-mail: contato@cetadeb.com.br

Site: www.cetadeb.com.br

Aluno(a): _____

PEDAGOGIA E DIDÁTICA

*Pr Jamiel De Oliveira Lopes e
Zilma J. Lima Lopes*

Copyright © 2010 by Jamiel de Oliveira Lopes

Capa e Designer: Márcio Rochinski
Diagramação: Hércules Carvalho Denobi

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados a Denobi e Acioli Empreendimentos Educacionais.

O conteúdo dessa obra é de inteira responsabilidade do autor.

Todas as citações foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação entre parêntesis ao lado do texto indicando outra fonte.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica Lex Ltda

1ª Edição – Jun/2010

DIRETORIAS E CONSELHOS

Diretor

Pr Hércules Carvalho Denobi

Vice-Diretora

Eliane Pagani Acioli Denobi

Conselho Consultivo

Pr Daniel Sales Acioli – Apucarana-PR

Pr Perci Fontoura – Umuarama-PR

Pr José Polini – Ponta Grossa-PR

Pr Valter Ignácio – Guaíra-PR

Coordenação Pedagógica

Dagma Matildes de Sousa dos Santos – Apucarana-PR

Coordenação Teológica

Pr Genildo Simplício – São Paulo-SP

Dc Márcio de Souza Jardim – Guaíra-PR

Assessoria Jurídica

Dr Mauro José Araújo dos Santos – Apucarana-PR

Dr Carlos Eduardo Neres Lourenço – Curitiba-PR

Dr Altenar Aparecido Alves – Umuarama-PR

Dr Wilson Roberto Penharbel – Apucarana-PR

Autores dos Materiais Didáticos

Pr José Polini
Pr Ciro Sanches Zibordi
Pr Genildo Simplício
Pr Jamiel de Oliveira Lopes
Pr Marcos Antonio Fornasieri
Pr Sérgio Aparecido Guimarães
Pr José Lima de Jesus
Pr José Mathias Acácio
Pr Reinaldo Pinheiro
Pr Edson Alves Agostinho
Rubeneide O. Lima Fernandes
Zilma J. Lima Lopes

NOSSO CREDO

 Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: O Pai, Filho e o Espírito Santo. (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).

 Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2Tm 3.14-17).

 Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9).

 Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19).

 Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).

 No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9).

 No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12).



Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1Pe 1.15).



No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).



Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1Co 12.1-12).



Na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatá-la a sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16. 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14).



Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2Co 5.10).



No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).



E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil - CGADB

ABREVIações

a.C. – antes de Cristo.

ARA – Almeida Revista e Atualizada

ARC – Almeida Revista e Corrigida

AT – Antigo Testamento

BV – Bíblia Viva

BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje

c. – Cerca de, aproximadamente.

cap. – capítulo; caps. – capítulos.

cf. – confere, compare.

d.C. – depois de Cristo.

e.g. – por exemplo.

Fig. – Figurado.

fig. – figurado; figuradamente.

gr. – grego

hb. – hebraico

i.e. – isto é.

IBB – Imprensa Bíblica Brasileira

Km – Símbolo de quilometro

lit. – literal, literalmente.

LXX – Septuaginta (versão grega do AT)

m – Símbolo de metro.

MSS – manuscritos

NT – Novo Testamento

NVI – Nova Versão Internacional

p. – página.

ref. – referência; refs. – referências

ss. – e os seguintes (isto é, os versículos consecutivos de um capítulo até o seu final. Por exemplo: 1Pe 2.1ss, significa 1Pe 2.1-25).

séc. – século (s).

v. – versículo;

vv. – versículos.

ver - veja

SUMÁRIO

LIÇÃO I – ELEMENTOS DA PEDAGOGIA	11
O QUE É PEDAGOGIA.....	13
A PEDAGOGIA DE JESUS	17
ATIVIDADES - LIÇÃO I.....	30
 LIÇÃO II – PRINCÍPIOS DA DIDÁTICA.....	 33
O PROCESSO ENSINO / APRENDIZAGEM	36
ATIVIDADES – LIÇÃO II	52
 LIÇÃO III – A APRENDIZAGEM NUMA VISÃO DINÂMICA	 55
A APRENDIZAGEM NA CONCEPÇÃO COMPORTAMENTALISTA.....	60
A APRENDIZAGEM NA CONCEPÇÃO FENOMENOLÓGICA	66
A APRENDIZAGEM NAS TEORIAS COGNITIVISTAS.....	69
OS PROBLEMAS E DIFICULDADES DA APRENDIZAGEM.....	75
ATIVIDADES – LIÇÃO III	81
 LIÇÃO IV – DINAMIZANDO O ENSINO	 83
PREPARAÇÃO DO PROFESSOR	85
MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO.....	93
O PLANEJAMENTO	100
ATIVIDADES – LIÇÃO IV	107
 LIÇÃO V – RECURSOS AUDIOVISUAIS E TÉCNICAS PARA O ENSINO	 109
O USO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS PARA O ENSINO.....	111
TÉCNICAS DE ENSINO.....	124
ATIVIDADES – LIÇÃO V	153
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 154

Lição I

Elementos da Pedagogia

PEDAGOGIA E DIDÁTICA

Neste módulo você estudará a disciplina de Pedagogia e Didática. Esta disciplina versa sobre a relação ensino-aprendizagem e o papel do professor e do aluno nesse processo. Focaliza a Pedagogia de Jesus e os métodos usados por ele para ensinar. Também discute sobre a importância do planejamento, a preparação do professor e a necessidade do uso de técnicas de ensino, além de apresentar aspectos práticos com exemplos de técnicas audiovisuais e educacionais aplicadas na EBD.

Nossos sinceros votos de sucesso em seu aprendizado e que Deus enriqueça a sua vida com abundantes bênçãos espirituais.

I - O QUE É PEDAGOGIA?

Pedagogia é uma ciência ou disciplina do ensino que começou a se desenvolver no século XIX. Popularmente a Pedagogia é vista como o modo de ensinar. Tem pedagogia quem ensina bem. Uma pessoa estuda ou se serve da pedagogia para ensinar melhor a matéria, a utilizar técnicas de ensino; desse modo, o pedagógico seria o metodológico.

1) DEFINIÇÕES DE PEDAGOGIA:

Há muitas definições para o termo Pedagogia. Vejamos algumas delas:

A Pedagogia é a ciência ou disciplina cujo objetivo é a reflexão, ordenação, a sistematização e a crítica do processo educativo. (Wikipédia)

A Pedagogia é a função ou trabalho do professor; ensino; a arte ou ciência de ensinar; métodos de instrução. (wiktionary)

A Pedagogia é a condução do saber; preocupa-se com o ato de ensinar e de aprender. (cefetpa)

A Pedagogia é a teoria que investiga a teoria e a prática da educação nos seus vínculos com a prática social global. (Libâneo,1994)

Pedagogo - Especialista em pedagogia; Aquele que ensina crianças (wiktionary)

2) OBJETIVO DA PEDAGOGIA

A pedagogia tem como objetivo principal a melhoria no processo de aprendizagem dos indivíduos, através da reflexão, sistematização e produção de conhecimentos. Como ciência social, a pedagogia esta conectada com os aspectos da sociedade e também com as normas educacionais do país.

Para se compreender com mais profundidade o que é Pedagogia, é preciso explicar seu objeto de estudo, a educação ou prática educativa. Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas, ações, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio social e natural, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal. (J.C. Libâneo)

3) TEMAS ABORDADOS PELA PEDAGOGIA:

A pedagogia estuda diversos temas relacionados à educação, tanto no aspecto teórico quanto no prático.

-  Aprendizado de conhecimentos
-  Métodos e sistemas pedagógicos
-  Dificuldades de aprendizado
-  Didáticas e práticas pedagógicas
-  Conteúdos educacionais
-  O aluno no processo educativo
-  O papel do professor no processo educacional

4) O PEDAGOGO

O pedagogo é o profissional formado para atuar na área pedagógica. Porém, todos aqueles que atuam no processo educativo (professores, pais, monitores, orientadores, psicólogos etc.) também devem conhecer os princípios básicos de pedagogia.

5) PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

O termo “educação”, visto como “ato educativo”, é a prática social que identificamos como uma situação temporal e espacial determinada na qual ocorre a relação ensino-aprendizagem, formal ou informal.

6) PEDAGOGIA E DIDÁTICA

Pedagogia e didática estão intimamente relacionadas, entretanto, são coisas distintas. A didática depende da pedagogia e é considerada como parte desta, que se ocupa dos métodos e técnicas de ensino.

O termo “pedagogia” é visto, de forma estrita, como a norma em relação à educação. Toda e qualquer corrente pedagógica é norteadada pela seguinte questão: “Que é que devemos fazer, e que instrumentos didáticos devemos usar, para a nossa educação?”

O termo “didática” está relacionado a um saber especial:

Muitos dizem que é um saber técnico, porque vem de uma área onde se acumulam os saberes que nos dizem como devemos usar da chamada “razão instrumental” para melhor contribuirmos com a relação ensino-aprendizagem. A razão técnica ou instrumental é aquela que faz a melhor adequação entre os meios e os fins escolhidos. A didática é uma expressão pedagógica da razão instrumental. Sua utilidade é imensa, pois sem ela nossos meios escolhidos poderiam, simplesmente, não serem os melhores disponíveis para o que se ensina e se aprende e, então, estaríamos fazendo da educação não a melhor educação possível.

II - A PEDAGOGIA DE JESUS

Jesus foi um mestre por excelência. Ninguém se mostrou tão idôneo para ensinar quanto ele. Os doutores da lei ficaram impressionados com seu conhecimento quando ele tinha apenas doze anos.

A pedagogia que ele usou foi a pedagogia do encontro, motivado pela lógica do amor. Um educador que não ama o que faz não está apto para ensinar. É somente na lógica do amor que compreendemos o que ele fez diante de tantas situações.

Observamos como ele preocupou-se de acolher os excluídos. Vemos exemplos como a mulher com o fluxo de sangue, o cego Bartimeu, as crianças que foram levadas até ele, os dez leprosos e tantos outros. As pessoas o instigava

para que não se importasse com os excluídos, mas ele surpreendia a todos com sua delicadeza e atenção.

Jesus nos deu o exemplo de sabedoria e empenho como mestre. Sua mensagem era inteligível, clara e profunda. O ensino ministrado por ele promovia mudanças. O verdadeiro ensino é aquele que promove mudanças na vida do aluno.

Vemos o exemplo dos homens que foram enviados para prendê-lo. Ao ouvirem sua mensagem, foram tocados, não conseguindo cumprir a missão que lhe fora designada.

E os principais sacerdotes e os fariseus mandaram guardas para o prenderem. (...) Alguns deles queriam prendê-lo; mas ninguém lhe pôs as mãos. Os guardas, pois, foram ter com os principais dos sacerdotes e fariseus, e estes lhes perguntaram: Por que não o trouxestes? Responderam os guardas: Nunca homem algum falou assim como este homem. (Jo 32b, 44-46)

Jesus deixou preciosas lições no seu desempenho como mestre. Por mais que tentarmos expressar o quanto ele foi, estaremos aquém de uma descrição completa. Procuraremos, no entanto, descrevê-lo a partir do relato bíblico, mostrando aspectos como, o seu caráter, seus objetivos, suas habilidades e os seus métodos.

1) UM MESTRE POR EXCELÊNCIA

Jesus foi o Mestre melhor qualificado que o mundo já conheceu. Ele foi, na verdade, “o Mestre dos mestres.” Um

mestre incomparável. Dentre as características que o destacou no ministério do ensino foi o seu desejo de servir e ajudar as pessoas. Apesar da sua capacidade de ensinar, era notório a sua humildade. Um dos elementos essenciais para a qualificação de um professor é o interesse que deve ter pelo povo e o desejo de servi-lo bem, de ajudá-lo.

No capítulo 13 de João Jesus nos deu uma verdadeira aula sobre o papel de um professor. Vamos analisar a sua prática e as lições que pretendia ensinar. Nessa aula Jesus lava os pés dos discípulos: Os apóstolos estavam reclinados na mesa para participar da ceia quando Jesus se levantou, pegou água e uma toalha, e começou a lavar os pés deles.

Jesus não estava instituindo um cerimonial de lava pé, como alguns tem interpretado e posto em prática em suas igrejas, mas queria dar algumas lições aos discípulos. Vejamos a descrição desse relato bíblico:

Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo ao Pai, como amasse os seus que estavam no mundo, até o extremo os amou. Durante a ceia, - quando o demônio já tinha lançado no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, o propósito de traí-lo, sabendo Jesus que o Pai tudo lhe dera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-se da mesa, depôs as suas vestes e, pegando duma toalha, cingiu-se com ela. Em seguida, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido.

Pedro, a princípio, não compreendeu o propósito do mestre, se recusou a ter os seus pés lavados por Cristo.

Chegou a Simão Pedro. Mas Pedro lhe disse: Senhor, queres lavar-me os pés! Respondeu-lhe Jesus: O que faço não compreendes agora, mas compreendê-lo-ás em breve. Disse-lhe Pedro: Jamais me lavarás os pés!

Jesus mostra a Pedro que se ele não aceitasse o que ele estava fazendo não servia para ser um discípulo. Pedro ainda não compreendendo o propósito do mestre quis então que Jesus o lavasse por completo.

Respondeu-lhe Jesus: Se eu não tos lavar, não terás parte comigo. Exclamou então Simão Pedro: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça. Disse-lhe Jesus: Aquele que tomou banho não tem necessidade de lavar-se; está inteiramente puro. Ora, vós estais puros, mas nem todos! Pois sabia quem o havia de trair; por isso, disse: Nem todos estais puros.

Pedro mudou de idéia e aceitou a condição estabelecida por Cristo entendendo que precisava ser purificado por isso exclamou: "*Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça*" (João 13:9). Se precisava de purificação para estar em comunhão com Cristo, Pedro não queria arriscar a rejeição pelo Senhor.

Depois de ter lavado os pés dos discípulos Jesus, então, explicou o significado da sua atitude.

Depois de lhes lavar os pés e tomar as suas vestes, sentou-se novamente à mesa e perguntou-lhes:

Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós. Em verdade, em verdade vos digo: o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou. Se compreenderdes estas coisas, sereis felizes, sob condição de as praticardes.

Jesus queria deixar aos discípulos a lição da humildade para servir. Veja como ele enfatiza a sua atitude: "Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros."

Ele era um exemplo real de humildade: "Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou" (João 13:14-16)." Ele mostrou que nós devemos nos humilhar para servir aos outros. Como ele lavou os pés, nós devemos procurar oportunidades para humildemente servir uns aos outros.

O que diferenciava Jesus dos rabinos e doutores é que como Mestre ele não só se interessou pelos problemas humanos, mas sempre buscou fazer alguma coisa para solucioná-los. Ele não fazia acepção de pessoas, nem dava ouvidos as críticas dos líderes religiosos, mas, com o objetivo de salvar vidas, associou-se com pecadores, para tirá-los do

seu pecado. Nas parábolas ele mostrava que realmente estava interessado em tudo e em todos. Seu coração se derretia de simpatia por um mundo necessitado, e suas mãos secundavam e espalhavam essa simpatia por meio de serviço e ajuda.

Jesus através do ensino aproveitava a oportunidade para formar os ideais, as atitudes e a conduta do povo em geral. Ele não se distinguiu primeiramente como orador, como reformador, nem como chefe, e, sim, como mestre. Ele mesmo dizia: "Vós me chamais Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque eu o sou" (João 13:13).

2) AS FONTES USADAS POR JESUS PARA ENSINAR

Para ratificar os seus ensinamentos Jesus usou como fonte as Escrituras Sagradas - a Palavra de Deus.¹ Em várias oportunidades ele citou o Antigo Testamento. Em certos casos ele fez afirmativas praticamente idênticas às das Escrituras do Velho Testamento, sem indicar que eram citações como por exemplo no Sermão da Montanha: Em Mateus 5:5 "Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra", e, nos Salmos 37:11, lemos: "Os mansos herdarão a terra".

¹ Os textos bíblicos usados no tempo de Jesus eram compostos de três coleções distintas. A primeira foi chamada de LEI. Esta coleção era composta dos cinco primeiros livros da Bíblia de Gênesis a Deuteronômio. A segunda coleção foi chamada de PROFETAS. Esta coleção era composta dos seguintes livros: Isaías, Jeremias, Ezequiel, os Doze Profetas Menores, Josué, Juizes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis. A terceira coleção foi chamada de ESCRITURAS. Esta coleção reunia: o grande livro de poesia, os Salmos, além de Provérbios, Jó, Ester, Cantares de Salomão, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Daniel, Esdras, Neemias e 1 e 2 Crônicas. Posteriormente esses textos foram reunidos num só volume formando-se assim o Antigo Testamento.

Encontramos ainda cerca de quarenta passagens, assim paralelas, no Velho Testamento e no Novo Testamento. Evidentemente Jesus as assimilou e depois nos deu a substância delas.

Jesus também usou como modelo os elementos da natureza. Nos seus ensinos ele falou das aves e dos lírios do campo, dos vinhedos florescentes, do vale, todo garrido, dos pomares cheios de romãzeiras; dos rebanhos alimentando-se nas pastagens; das pombas fazendo ninhos nas brechas das rochas; das raposas causando estragos nas vinhas e assim sucessivamente.

Também falou acerca dos ventos soprando, do sol brilhando para os bons e os maus, das chuvas descendo, das rochas e da tempestade combatendo casas.

No reino vegetal percebeu a relação vital da videira e suas varas, o horror da figueira sem frutos, o crescimento da semente desde a erva até o grão grado na espiga, a presença do joio no meio do trigo.

No reino animal ainda observou a mortífera serpente, o boi na vala, a raposa espreitando a caça, o cão lambendo feridas. Tudo isso era usado por ele para que sua mensagem se tornasse compreensiva.

Jesus também citou como exemplo os afazeres comuns e correntes. Ele encontrou nos fatos corriqueiros inspiração para os temas mais profundos e inspiradores que já empolgaram o coração humano. J. M. Price mostra como ele se inteirava dessas coisas para ensinar:

Ele conhecia bem as medidas do alqueire, das talhas de água, dos odres de vinho; o lidar com lâmpadas de óleo, o remendar vestidos, a lide nos moinhos de trigo; conhecia o valor duma dracma para uma viúva, os atritos de irmãos, os brinquedos e passatempos das crianças. Embora Jesus não fizesse citações diretas da história secular, da filosofia ou dos poetas do tempo, usou consideravelmente os acontecimentos correntes. Noutras palavras, Jesus nunca deixou passar uma oportunidade sem que a usasse para ensinar algo a seus ouvintes. (Price, 1980)

Era impressionante como Jesus buscava exemplos nas experiências do dia a dia para tornar-se compreendido. J. M. Price cita algumas das lições que ele extraiu das experiências humanas para ensinar:

“Ele tirou lições da galinha a defender debaixo de suas asas os seus pintainhos, da mulher preparando a massa de pão, do lavrador a semear, do viticultor a podar suas videiras, do pescador a tirar peixes da água, do construtor a edificar, do alfaiate a remendar roupas velhas, do rei preparando-se para ir à guerra.

Parece que nada escapava a seus olhos inteligentes e vigilantes. E dessas experiências tirava ensinamentos e avisos para seus ouvintes. “Falou sempre com autoridade — a autoridade da experiência própria e real e não como os escribas, que se estribavam em livros e regulamentos.” (Price, 1980)

3) Os MÉTODOS USADOS POR JESUS

Jesus se destacou como mestre na arte de ensinar, deixando exemplos capazes de impressionar qualquer educador. Seus métodos ainda hoje são utilizados pelos melhores educadores. Ele usava perguntas, preleções, histórias, conversas, discussões, dramatizações, lições objetivas, planejamentos e demonstrações.

Jesus conhecia perfeitamente a arte de ensinar pelos processos de que lançou mão, pois, quando analisamos suas partes componentes, descobrimos que suas lições tinham exórdio, desenvolvimento e conclusão sempre muito apropriados.

Também daremos maior atenção a isto mais tarde. Ele tratava diretamente dos assuntos, com ilustrações mui adequadas, aplicando sempre muito bem seu ensino a situação e ao momento. Na arte de ensinar, foi mestre de mão cheia. (Price, 1980)

Jesus não teve a intenção de lançar nenhum princípio psicológico especial, nenhuma teoria de educação, nenhuma prática pedagógica; não obstante, ele mostrou conhecer perfeitamente todos os seus elementos principais e os usou de maneira mais que eficiente.

Vejamos alguns dos métodos usados por ele para ensinar.

A) O USO DE COISAS CONCRETAS

Jesus ensinava por meio de lições objetivas. Ele usava objetos ou coisas para que a verdade ensinada se tornasse algo concreto. Há vários exemplos claros e bem definidos do emprego que Jesus fez de objetos.

Um dos exemplos mais brilhantes desse método usado por ele, foi quando ele pôs uma criança no meio dos discípulos para ensinar qual a atitude que devemos tomar para com o Reino de Deus. Veja o comentário feito por J. M. Price relacionado a esse assunto:

Os discípulos pensavam que o Reino era algo com escalas e ordens hierárquicas, e, portanto, com promoções e distinções especiais. Assim, ambições e egoísmos ocupavam seus corações, e já discutiam qual deles seria o maior. Daí Cristo perguntou: "Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?" (v. 1).

Ao que parece, sem qualquer outra palavra de explicação ou de discussão, chamou uma criança e a pôs no meio deles. Vendo eles a modéstia, o desinteresse e a humildade exemplificados na criança, Jesus lhes disse que deviam tomar a atitude da criança para poderem entrar no Reino. E, daí, acrescentou: "Quem, pois, se tornar humilde como este menino, esse será o maior no reino dos céus" (v. 4). Era a maior lição sobre a modéstia e contra o mal do orgulho que a humanidade recebia naquela hora. (Price, 1980)

Já vimos o exemplo que ele nos deu lavando os pés dos discípulos. Ele mostrou a dignidade e grandeza do serviço humilde. Outro exemplo importante ele deu quando os representantes dos fariseus e dos herodianos, e lhe perguntaram se era lícito ou não pagar tributo a César. Sem argumentar ele pegou uma moeda e perguntou de quem era a efígie. Ao responderem que era de César e disse sabiamente: "Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Mat. 22:15-22).

B) O USO DE DRAMATIZAÇÕES

Outro método, bastante eficiente, usado por Jesus, foi a dramatização. Um meio muito eficaz, sugerido pelos educadores como elemento auxiliar na pedagogia.

A dramatização traz consigo a ideia da reconstituição duma cena. Ela é a reprodução dum acontecimento histórico ou a representação duma atividade ou fato de nossos dias. Noutras palavras, é o esforço que se faz para representar de maneira mais precisa, num ambiente apropriado, numa situação histórica ou a vida de nossos dias. A dramatização, portanto, é primeiramente uma atividade de imitação ou de reprodução. Contudo, o termo é empregado com significação mais larga, chegando a abranger tanto a apresentação de verdades como a reprodução de fatos. Assim, podemos concebê-la com a representação duma verdade ou lição, sem se levar em conta se o fato tem ou não base definida. As atividades dramáticas podem

incluir incidentes bíblicos, feitos de missionários, lições de temperança e outros mais eventos a ser apresentados, bem como lições a serem ensinadas. Um elemento de dramatização pode entrar em qualquer lição. (Price, 1980)

Jesus utilizou-se do método da dramatização em situações específicas como, na purificação do templo quando viu que os judeus estavam abusando do privilégio de vender animais e aves para os sacrifícios àqueles que não os tinham, e estavam fazendo aquilo mais para proveito próprio do que para servir ao povo. Vendo isto, Jesus tomou um chicote de cordéis e expulsou os mercadores, espalhando as aves e os animais, derribando as moedas no chão, e dizendo: *"Minha casa será chamada casa de oração; mas vós fizestes dela um covil de ladrões"* (Mat. 21:12-16).

Essa foi uma forma dramaticamente de Jesus proclamar a santidade do Templo e do culto a Deus.

Outro exemplo de dramatização usado por Jesus ocorreu na sua entrada triunfal em Jerusalém. Ele entrou montado num jumentinho, e passou por ruas cobertas de ramos de árvores e de capas dos que o saudavam e aplaudiam. Esse era o modo como um herói de guerra era recebido quando voltava de uma batalha. Mas Jesus montava um jumentinho e não um carro de guerra, e era escoltado por adoradores e não por soldados, mostrando, assim, que seu reino era de caráter espiritual, e não material ou político (Mat. 21:7-11).

C) O USO DE HISTÓRIAS OU PARÁBOLAS

Contar histórias ou parábolas foi o método mais usado por Jesus como ilustração das mensagens que pretendia transmitir. J. M. Price afirma que inquestionavelmente Jesus foi o maior contador de histórias que o mundo já teve. Veja o comentário que o autor faz acerca da importância de ilustrar por meio de histórias:

O método de histórias é de grande valor no ensino. É coisa concreta, apela à imaginação, tem estilo fácil e livre, assaz eficiente e interessante. É mesmo o método que "com beleza e remate incomparáveis, sobrepára como supremo e sem rival nos anais da literatura humana". Os que detestam fatos e argumentos, de bom grado ouvem histórias. E, não só isso: lembram-nas facilmente e são influenciados por elas. Acadêmicos de teologia que fogem de ouvir uma série de preleções de grandes eruditos correm apressados a ouvi-los contar histórias por horas seguidas. As histórias são aplicáveis e apropriadas tanto para crianças como para adultos. Conquanto tenha falecido há alguns anos, raro é a reunião de batistas do sul em que não seja lembrada uma ou outra história contada por J. B. Gambrell. O romance A Cabana do Pai Tomás contribuiu imenso para a abolição da escravidão. As novelas "influenciam a conduta bem mais do que livros de moral". G. Stanley Hall diz: "Deixai-me contar histórias, e já não desejarei saber quem escreveu os manuais." (Price, 1980)

O método de contar histórias é bastante eficaz, pois além de prender a atenção do aluno, torna claro algum princípio ou verdade abstrata que esteja sendo transmitida. Vemos vários exemplos de histórias e parábolas usadas por Jesus como, a parábola do filho pródigo, o bom samaritano, a ovelha perdida, a drácula perdida, as dez virgens e assim sucessivamente.

Jesus foi um mestre sem igual que usou métodos extraordinários, utilizados pela pedagogia na atualidade. Com sua eficácia, conseguiu atrair as multidões a si, fazendo com que essas verdades fossem lembradas e repetidas através dos séculos. Devemos seguir o seu exemplo aprendendo a ensinar com ele – o MESTRE dos mestres.

ATIVIDADES – LIÇÃO I

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- ☐ A Pedagogia é a ciência ou disciplina cujo objetivo é a reflexão, ordenação, a sistematização e a crítica do processo educativo.
- ☐ A pedagogia tem como objetivo principal a melhoria no processo de aprendizagem dos indivíduos, através da reflexão, sistematização e produção de conhecimentos.
- ☐ Jesus foi o Mestre melhor qualificado que o mundo já conheceu. Ele foi, na verdade, “o Mestre dos mestres”.
- ☐ Para ratificar os seus ensinamentos Jesus usou como fonte as Escrituras Sagradas - a Palavra de Deus.

- 5)  Jesus se destacou como mestre na arte de ensinar, deixando exemplos capazes de impressionar qualquer educador. Seus métodos ainda hoje são utilizados pelos melhores educadores.
- 6)  Contar histórias ou parábolas foi o método mais usado por Jesus como ilustração das mensagens que pretendia transmitir.

Lição II

Princípios da Didática

PRINCÍPIOS DA DIDÁTICA

De acordo com a Enciclopédia Wikipédia a palavra didática (português brasileiro) ou didáctica (português europeu) vem da expressão grega Τεχνή διδακτική (techné didaktiké), que se pode traduzir como arte ou técnica de ensinar.

A didática é a parte da pedagogia que se ocupa dos métodos e técnicas de ensino destinados a colocar em prática as diretrizes da teoria pedagógica. A didática estuda os processos de ensino e aprendizagem. O educador Jan Amos Komenský, mais conhecido por Comenius, é reconhecido como o pai da didática moderna, e um dos maiores educadores do século XVII. (Enciclopédia Wikipédia)

A Enciclopédia Wikipédia apresenta os seguintes elementos da ação didática:

-  O professor
-  O aluno
-  A disciplina (matéria ou conteúdo) -
-  O contexto da aprendizagem
-  As estratégias metodológicas

Neste capítulo fazemos uma abordagem desses elementos e fazemos uma relação entre o ensino-aprendizagem e a Bíblia.

I - O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

O professor tem um papel preponderante no processo ensino-aprendizagem. Diante da quantidade de informações disponíveis na atualidade por intermédio dos meios de comunicações, o professor deve conduzir o ensino, não como detentor do saber, mas como um facilitador desse processo.

Mas, o que é aprendizagem?

Aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. 'Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. De acordo com a nova ênfase educacional, centrada na aprendizagem, o professor é co-autor do processo de aprendizagem dos alunos. Nesse enfoque centrado na aprendizagem, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente. (Amélia Hamze – Pedagoga, colunista do site Brasil Escola)

1) O PROFESSOR E A APRENDIZAGEM

As funções do professor como intermediário entre o livro e o aluno parece não ter mais lugar neste mundo

moderno. No início do século passado, as publicações eram escassas, as bibliotecas pobres e o acesso ao saber era restrito aos professores. Hoje, no entanto, o acesso ao conhecimento tornou-se abrangente.

A Internet¹ revolucionou os meios de comunicação e trouxe ao mundo grandes facilidades. Através desta, o conhecimento tornou-se ilimitado e o tempo e a distância entre um fato e a sua divulgação reduziu-se consideravelmente.

Este poderoso instrumento agrega o maior e mais avançado banco de dados com informações de todas as áreas e segmentos de instituições como universidades, bibliotecas, museus etc. Na Internet é possível termos acesso rápido a inúmeras fontes de pesquisas, bem com a uma variedade de textos de todas as áreas do conhecimento humano e a imagens de todos os cantos do mundo.

O professor deverá usar a tecnologia como recurso para o desenvolvimento da criatividade na sala de aula. O projeto Pedagógico precisa ser trabalhado de uma forma mais prática e vivencial. Cabe ao professor não improvisar, mas sempre planejar.

É importante o uso de métodos e técnicas no processo da aprendizagem, porém eles não podem ser usados aleatoriamente. O preparo do professor e sua criatividade são de grande valia no processo Educativo.

¹ Internet é "o conjunto de diversas redes de computadores que se comunicam através dos protocolos TCP/IP".

2) OS QUATRO PILARES FUNDAMENTAIS DA EDUCAÇÃO

Observando os quatro tipos fundamentais de aprendizagem, eleitos como os quatro pilares fundamentais da educação¹, vemos que para uma boa aprendizagem o professor já não deve ser um detentor do saber, mas sim um mediador no processo ensino-aprendizagem.

Não apenas transmite conhecimentos aos alunos, mas cria as condições necessárias para que estes aprendam.

- ✓ Aprender a conhecer, isto é, adquirir as competências necessárias à compreensão;
- ✓ Aprender a fazer, enfatiza a questão do preparo para agir sobre o meio em que se vive;
- ✓ Aprender a viver com os outros, isto é, aprender a conviver a fim de compartilhar idéias, participar e cooperar com os outros em todas as atividades que envolvem o convívio humano; e
- ✓ Aprender a ser é a formação integral do ser humano preparado para agir em diferentes circunstâncias da vida,

¹ Os quatro pilares da Educação são conceitos de fundamento da educação, baseados no Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors, (1999).

3) OS QUATRO PILARES FUNDAMENTAIS DA EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO CRISTÃ

Ao analisarmos os quatro pilares da educação sob a perspectiva do ensino cristão¹, vemos que, tanto na educação secular quanto na educação cristã, muito ainda deve ser feito para promovermos uma educação transformadora, capaz de alcançar a pessoa integralmente. Vejamos:

 **Aprender a conhecer** - Entendemos que é preciso repensar os nossos métodos de ensino, para que, pautados nas Escrituras Sagradas, formemos verdadeiros discípulos que desenvolvam suas competências (capacidade de autoaprendizagem) e vivam na prática, com maturidade, aquilo que recebem da palavra de Deus. É importante que o ensino transmitido se realize a partir do conhecimento já adquirido pelo aluno.

 **Aprender a fazer** - A Escola Dominical tem a tarefa de desenvolver o caráter cristão, treinar obreiros para o trabalho de Cristo e incentivá-los a por em prática o que aprenderam, isso significa que o aprender dos alunos se dá quando ele ouve, vê e faz: *“O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e viste em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco”* (Fp 4.9).

 **Aprender a conviver** - A EBD é também responsável por criar um ambiente que permita o bom relacionamento entre os alunos para que estes saibam conviver em

¹ Uma Visão Cristã dos quatro Pilares da Educação. TULLER, Marcos, 2009. Disponível em: www.ensinodominical.com.br

comunidade, respeitando uns aos outros praticando os valores cristãos aprendidos, conforme Atos 2.44: *“Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum”*.

📖 **Aprender a ser** - Na educação secular há uma busca por alcançar à pessoa integralmente a partir dos aspectos: físico, mental, emocional e espiritual, ensinando-os a tornarem-se cidadãos críticos e agentes participativos do processo educacional, que saibam tomar decisões por si mesmos em qualquer situação de suas vidas. A educação cristã é muito mais abrangente que o ensino secular e busca instruir os cristãos a desenvolverem uma consciência crítica formada pela absorção da Palavra de Deus, levando-os a tomar decisões acertadas, principalmente em relação ao que se deve crer e aceitar para a nossa prática cristã. A preocupação não é apenas com a valorização do ser e sim que este deve pensar na valorização do outro: *“... Amarás o teu próximo como a ti mesmo”* (Mt 22.39).

Partindo destes pressupostos, apresentamos nesta unidade alguns conceitos relacionados a dinâmica da aprendizagem.

Mostramos como é fundamental atentarmos para o papel do aluno no processo ensino e aprendizagem. Na prática pedagógica atual o aluno já não é mais uma figura passiva que apenas absorve conhecimentos, mas, ao contrário, é considerado como sujeito da sua formação.

4) A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM

O processo de ensino está intimamente ligado ao processo da aprendizagem. De nada adianta excelentes métodos ou técnicas se estes não forem suficientes para promover um resultado satisfatório no processo da aprendizagem.

O educador enquanto mediador do processo ensino-aprendizagem, bem como protagonista na resolução e estudo das dificuldades de aprendizagem deve obter orientações específicas para que desenvolva um trabalho consciente e que promova o sucesso de todos os envolvidos no processo (Soares, 2005).

Ensinar é proporcionar mudança de comportamento por intermédio de um despertar da mente do aluno, guiando-o no processo de aprendizagem.

5) A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM E A BÍBLIA

Nas Escrituras, o termo “ensino” é definido como “doutrina”, “entendimento” ou “instrução”. O ensino como dom integra o plano de Deus e funciona como uma ferramenta, a ferramenta para que a igreja cumpra a sua missão. *“Ide e ensinai a todas as nações...”* (Mt 28.20). O ensino cristão está fundamentado no conhecimento de Deus. Dele procede toda a fonte da verdadeira aprendizagem, ensino e conhecimento. A educação cristã é muito mais abrangente que o ensino tradicional.

5.1) O CONCEITO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO ANTIGO TESTAMENTO E NO NOVO TESTAMENTO.

A visão bíblica do ensino e aprendizagem no Antigo Testamento tem sua maior referência no livro de Deuteronômio no capítulo 6:4-9, quando diz:

Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

Aqui vemos que os pais deveriam ministrar o conhecimento da palavra de Deus aos filhos, pois Esta devia estar gravada em seus corações, primeiramente. Deus ordenou que sua Palavra fosse inculcada aos filhos. O ensino, como já vimos, era transmitido oralmente e passado de geração a geração (Dt 6.4-9; Josué 1.1-8).

Inculcar, segundo o Dicionário Houaiss, é: gravar, imprimir (algo) no espírito de alguém; repetir seguidamente (algo) a (alguém); recomendar, apregoando as boas qualidades de; apregoar. Podemos fazer uso aqui da palavra hebraica “LAMAD”, significando “inculcar”, “ensinar” e também “aprender”; representando o processo de ensino-aprendizagem estabelecido por Deus para seu povo. O objetivo do ensino aqui é sempre a obediência à Lei do Senhor.

No Novo Testamento o “ensinar” (Lamad), não difere muito do significado veterotestamentário que denota a comunicação da vontade de Deus mediante a interpretação da lei. A instrução quanto ao modo de viver, os padrões de comportamento, o discernimento do bem e do mal, pelo Espírito Santo, e a busca da maturidade são a tônica do ensino neotestamentário. O objetivo aqui é formar discípulos, ensinando-os a levar uma vida fundamentada nos propósitos de Deus e em obediência à Sua vontade.

O ensino, como já dissemos, funciona como uma ferramenta para que a igreja cumpra a sua missão: “... *ide, ensinai todas as nações,... a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.* (Mt 28.20); e a palavra de Deus como a ferramenta adequada para produzir mudança de vida: “*Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração*” (Hb 4:12).

Portanto, o conceito de ensino-aprendizagem na Bíblia, tem o propósito de ensinar a viver, formar discípulos que conheçam a Deus, não apenas teoricamente, e levem aos outros o conhecimento adquiridos mediante o conhecimento da Sua palavra e experiência com Deus.

6) O PROFESSOR VERSUS ALUNOS

O papel do professor, bem como a participação do aluno no processo ensino-aprendizagem é imprescindível para que

ocorra uma consolidação da aprendizagem. Os papéis de ambos, nesse processo, precisam ser distinguidos e exercidos para que se obtenha o sucesso no ensino.

Vale ressaltar que o professor, o educador cristão, não é um profissional, ou apenas um guia para a aprendizagem do aluno, mas, um ministro, chamado por Deus e capacitado por Ele para ensinar a sua Palavra: *“E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres,...”* (Ef 4.11).

Ser um professor da Escola Bíblica Dominical é um privilégio, visto ser ele integrante do corpo docente da melhor escola do mundo. Seu trabalho é de fundamental importância, uma vez que a convivência com os alunos o torna mais chegado a eles do que qualquer outro obreiro na Igreja, até mesmo o pastor, deixando-os à vontade para compartilhar seus problemas, dúvidas e necessidades. Por isso, o professor deve ser alguém preparado espiritual e intelectualmente, que tenha responsabilidade e saiba honrar sua missão.

O relacionamento do professor com o aluno pode influenciar positivamente ou negativamente no processo da aprendizagem. Um grupo sem liderança não se desenvolve. O estilo de liderança adotado pelo professor pode ser decisivo nessa relação. O êxito na liderança que o professor exerce na sala de aula depende, além de um bom planejamento, do seu relacionamento com os alunos. Um bom relacionamento com a classe pode facilitar o interesse e participação dos alunos em sala.

6.1) O PAPEL DO ALUNO

Numa concepção pedagógica mais atualizada, os alunos devem ser considerados como sujeitos da sua formação e não como objetos da formação. Nóvoa (1992) afirma que em muitos setores nomeadamente ligados à administração da educação, ainda é dominante a concepção do aluno como “produto” do trabalho dos professores e da atividade da escola.

Esta concepção está ligada aos modelos e práticas tradicionais de ensino que faziam do professor um “oleiro” e dos alunos o “barro” que ele moldava, ou, para utilizar outra metáfora, o “jardineiro” que ajudava a “planta-aluno” a crescer. Segundo ele, mesmo em versões menos “artesaniais” do trabalho pedagógico e que correspondem a perspectivas neoliberais recentes, o aluno é visto como um “cliente” e o professor como um “prestador de serviços”.

Nessa concepção, segundo o autor, quer num caso quer no outro, o aluno é sempre visto como algo extrínseco à produção do próprio ato educativo, limitando-se a “sofrê-lo” ou a “consumi-lo”, conforme a metáfora que este utiliza.

Isto significa que *“as crianças e jovens que frequentam as nossas escolas não devem ser vistas como consumidoras passivas dos conhecimentos transmitidos pelos professores, mas sim como co-produtoras dos saberes, saberes fazeres e saberes ser, necessários ao seu crescimento e desenvolvimento.”* (Nóvoa, 1992). Nesta perspectiva o aluno torna-se autor do seu próprio crescimento. O professor torna-se um mediador do processo ensino-aprendizagem.

6.2) O PAPEL DO PROFESSOR

O professor exerce um papel de liderança na classe. O desenvolvimento de um grupo dependerá do seu líder. Um grupo sem liderança não se desenvolve, faz tudo e não faz nada; há desencontros, desentendimentos, aborrecimentos etc.

O grupo precisa de um líder bem qualificado, principalmente se esse grupo é formado de adolescentes. É certo que a experiência se adquire através da vivência e prática com o grupo, porém as qualificações morais e espirituais do líder, que representam o aspecto mais importante, independem dessa prática.

Um bom líder é aquele que é capaz de sentir o que se está a passar no grupo e é capaz de ter atitudes adequadas para ajudar o grupo a ultrapassar os seus problemas. A produtividade é boa e, sobretudo, constata-se uma maior satisfação e criatividade no desempenho das tarefas, uma maior intervenção pessoal, bem como o desenvolvimento da solidariedade entre os participantes.

O líder deve conhecer as pessoas que lidera e possuir a capacidade de se adaptar a situações diversas, não deixando, no entanto, de ser coerente. Isto exige certa flexibilidade e versatilidade.

Segundo Estanqueiro (1992), os “bons professores” adotam estilos de ensino diferentes para alunos diferentes. Mas também adotam estilos diferentes para os mesmos alunos consoantes as suas competências nas várias disciplinas.

7) A ESTRUTURA CURRICULAR

O currículo adotado na EBD deve expressar uma perspectiva flexível e integradora, onde se ultrapassa a idéia de currículo exposto, apenas, como “grade” ou “matriz”, constituindo-se em uma proposta de educação que alcance as necessidades do aluno, tanto espirituais como sociais, alcançando a pessoa integralmente, promovendo uma educação transformadora.

O projeto curricular contemplará a flexibilidade, garantindo assim, seu ajuste às mudanças ocorridas no cotidiano do aluno. Deverá observar variedade na oferta dos tipos de atividades para integralização curricular, de maneira a levar o aluno a desenvolver sua capacidade de lidar com problemas, buscando soluções.

O currículo escolar representa as diretrizes adotadas pela escola na expansão do conhecimento que serão proporcionados aos alunos. Implica nos conteúdos que serão estudados e as atividades que serão realizadas.

O currículo pode ser definido a partir dos livros didáticos que são adotados para cada faixa-etária. Não há escola eficiente se o material didático não for adequado e de boa qualidade.

No caso específico da EBD já existem currículos elaborados por algumas editoras cristãs acompanhadas de um rico material didático com lições bíblicas específicas e adequadas para cada idade. O conteúdo adotado nestes currículos é genuinamente bíblico e está adequado a idade e a fase de vida que o aluno está vivendo.

Segue abaixo um dos modelos adotados para a elaboração do currículo da Escola Dominical. Vale salientar que este não é o único.

- ✓ Berçário - 0 a 2 anos
- ✓ Maternal - 3 e 4 anos
- ✓ Jardim de Infância - 5 e 6 anos
- ✓ Primários - 7 e 8 anos
- ✓ Juniores - 9 e 10 anos
- ✓ Pré- Adolescentes - 11 e 12 anos
- ✓ Adolescentes - 13 e 14 anos
- ✓ Juvenis – 15 a 17 anos
- ✓ Jovens e Adultos
- ✓ Discipulado 1 e 2

Fonte: Livro Educação Cristã do mesmo autor

8) AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação da aprendizagem caracteriza-se como um processo de coleta e análise de dados relevantes, tendo em vista verificar se os objetivos propostos foram atingidos e é norteada pelos seguintes princípios:

- 📄 **É um processo** contínuo e sistemático,
- 📄 **É funcional**, realiza-se em função dos objetivos previstos;
- 📄 **É orientadora**, indica avanços e dificuldades do aluno;
- 📄 **É integral**, considera o aluno como um ser total e integrado, analisando e julgando todas as dimensões do comportamento;

- 📄 **É democrática**, participativa e ética;
- 📄 **É transparente**, os alunos têm conhecimento dos critérios e procedimentos adotados.

Assim como na proposta metodológica, a co-responsabilidade do aluno é fator de grande relevância na proposta de avaliação. O trabalho pedagógico, organização, desenvolvimento e avaliação, é de responsabilidade do coletivo, de professores e alunos.

A participação do aluno na avaliação se dá pela autoavaliação que deve realizar de forma crítica e reflexiva. A autoavaliação desenvolve a responsabilidade do aluno pela autoaprendizagem e pela tomada de decisões, além de incentivá-lo a melhorar seu desempenho através do conhecimento do próprio progresso e dificuldades.

Sendo a avaliação parte integrante do processo ensino-aprendizagem, aplica-se tanto nas escolas seculares quanto na EBD. Esta deve ser entendida como mecanismo de verificação do aprendizado do aluno, que fornece subsídios para o trabalho do professor e aprimoramento da qualidade do ensino.

Na educação formal há vários mecanismos de avaliação que podem ser empregados pelo professor, dependendo do que se pretende verificar. Os instrumentos de avaliação de aprendizagem do aluno, empregados com mais frequência nas escolas, são a prova escrita e os trabalhos em grupo. Sendo a prova escrita ainda o principal instrumento de avaliação adotado pela maioria das instituições de ensino. A

prova escrita, quando não utilizada apenas como uma tarefa burocrática, possibilita uma nova oportunidade para o aluno ampliar o seu conhecimento sobre um determinado assunto, além de permitir a este e aos professores avaliarem o que foi ou deveria ser aprendido.

Na avaliação da aprendizagem é importante que o professor não supervalorize os resultados classificatórios das provas periódicas aplicadas, mas atente para as observações diárias levando o aluno a acompanhar o desenvolvimento do seu aprendizado, avaliando o seu próprio desempenho.

Muitos autores recomendam a avaliação continuada, a exemplo de André e Passos (2001):

Ao acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos, o professor tem a possibilidade de acompanhar o seu processo de ensino. [...] A avaliação assume uma característica dinâmica no processo educativo: por um lado, é impulsionadora da aprendizagem do aluno, e, por outro, é promotora da melhoria do ensino.¹

A avaliação, portanto, deve se realizar como um procedimento contínuo e dinâmico.

A equipe pedagógica deve fazer a avaliação do rendimento das propostas pedagógicas, além do desempenho do corpo docente, dos alunos e da equipe escolar como um

¹ ANDRÉ, M. E.D. A, de; PASSOS, L. F. Avaliação Escolar: Desafios e Perspectivas. In: CASTRO, A. D. de; CARVALHO, A. M. P. de. (Org.). Ensinar a Ensinar. Didática para a Escola Fundamental e Média. Pioneira Thomson Learning Ltda, 2001.

todo; fazer um levantamento das dificuldades e necessidades existentes visando corrigir possíveis falhas e encontrar soluções adequadas; fazer o diagnóstico da estrutura funcional da escola, para conhecer seu funcionamento, dificuldades e carências, visando encontrar soluções adequadas. O melhor meio para esse procedimento é a entrevista com as partes envolvidas.

Diferentes instrumentos de avaliação poderão ser utilizados para verificação do desempenho do aprendizado do aluno, como: Prova escrita, trabalho manual, trabalhos em grupo, atividades extraclasse como complementação do estudo bíblico e outros, no caso de Escolas Bíblicas.

Já o professor deve ser avaliado principalmente por meio de: Questionário do aluno, o qual avalia a postura profissional (na educação formal) e sua atuação didática na sala de aula, a infra-estrutura da escola; e, ainda, o questionário do professor o qual avalia suas práticas em sala de aula, sua postura (autoavaliação); a metodologia adotada pela escola e a adequação do material e do(s) método(s) utilizados, os alunos sob a ótica do professor e as condições estruturais da escola.

O ato de avaliar deve levar em conta os fatores que podem afetar a aprendizagem e causar prejuízos a avaliação, como por exemplo: os distúrbios neurológicos que podem causar as dificuldades de locomoção, de memorização, os problemas da fala e a dificuldade de raciocínio; o Déficit de Atenção por Hiperatividade; a indisciplina causada por traumas e outros e outras causas, as deficiências mentais e físicas.

Esses e outros fatores podem prejudicar a avaliação. Quem avalia precisa conhecer e entender as diferenças para saber lidar com aqueles que apresentam algumas dificuldades em seu desempenho escolar, evitando discriminar e rotular estes alunos como casos perdidos ou alunos problemáticos. A avaliação deve visar o desempenho coletivo em relação à metodologia adotada pela escola, a postura (profissional) dos educadores e sua atuação didática na sala de aula e as condições estruturais da escola a fim de verificar se esta atende as necessidades de todos, inclusive os que apresentam problemas na aprendizagem.

ATIVIDADES – LIÇÃO II

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☒ A didática é a parte da pedagogia que se ocupa dos métodos e técnicas de ensino destinados a colocar em prática as diretrizes da teoria pedagógica.
- 2) ☒ O professor tem um papel preponderante no processo ensino-aprendizagem.
- 3) ☒ Aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais.

- 4)  Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente.
- 5)  É importante o uso de métodos e técnicas no processo da aprendizagem, porém eles não podem ser usados aleatoriamente.
- 6)  A visão bíblica do ensino e aprendizagem no Antigo Testamento tem sua maior referência no livro de Deuteronômio no capítulo 6:4-9.

Lição III

A Aprendizagem Numa Visão Dinâmica

A APRENDIZAGEM NUMA VISÃO DINÂMICA

"Aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais formadas historicamente." (L. S. Vigotskii)

Desde a antiguidade, conduzir e compreender a aprendizagem sempre foi motivo de estudos, questionamentos e debates por parte de filósofos e educadores.

Sócrates, o grande filósofo grego, desenvolvia o diálogo com seus discípulos de modo a propiciar novos e constantes questionamentos, levando-os à tomada de consciência quanto às suas próprias limitações no tocante ao tema em discussão. Desejava, com isso, que os discípulos percebessem que aprenderiam sobre qualquer tema quando reconhecessem suas próprias limitações e dificuldades para alcançar o conhecimento.

Na busca da compreensão do processo de aprendizagem, vários pesquisadores desenvolveram teorias que explicam o aprender e, embora apresentem diferenças no método e nos princípios fundamentais que norteiam suas pesquisas, se complementam na explicação desse processo complexo e intrinsecamente inerente ao ser humano.

Apresentaremos, no decorrer deste capítulo, diversos nomes de pesquisadores e teóricos que se preocuparam com o processo da aprendizagem, organizando-os a partir da linha filosófica que deu sustentação às suas pesquisas.

Desse modo, situamos o comportamentalismo na vertente do movimento filosófico associacionista, iniciado por John Locke (1632-1704), filósofo empirista inglês que afirmava ser todo o conhecimento proveniente de experiências e das sensações que nos chegavam através dos órgãos dos sentidos. Locke falava também da composição de idéias complexas e de idéias simples como sendo uma das operações da mente, e da combinação ou associação dessas idéias.

As formulações de Locke ficaram conhecidas como doutrina associacionista e, a partir dela, foram desenvolvidas várias outras correntes e teorias psicológicas que procuram explicar o comportamento humano como sendo o resultado da estimulação ambiental sobre o organismo.

Outros pesquisadores e teóricos se situam dentro de um grupo de orientação fenomenológica, que foi buscar em Gottfried Leibnitz (1646-1716) a compreensão do comportamento humano.

Para Leibnitz, a pessoa, longe de ser uma coleção de atos, seria a fonte de atos, e toda a atividade seria intencional e não reações a estimulações externas (Milhollan/Forisha, 1978, p. 32). Leibnitz foi contemporâneo de Locke e também seu opositor.

A Fenomenologia, como filosofia contemporânea, "implica uma específica visão do mundo" (Ribeiro, 1985, p. 42)

que busca no ser a sua essência; o fenômeno do existir, na maneira como expressa a experiência. "É um modo de conhecer a existência, é uma glorificação da experiência humana" (idem, p. 58).

A Fenomenologia tem em Edmund Husserl (1859-1938) seu principal representante.

Entre os teóricos cognitivistas, citaremos Jean Piaget, Vigotskii e David Ausubel.

Piaget e Vigotskii são teóricos considerados cognitivistas interacionistas porque afirmam ser o desenvolvimento cognitivo infantil, resultado da relação do organismo com o meio. No entanto, apresentam diversos pontos de divergências, que tentaremos apresentar no desenvolvimento do trabalho. Cabe, neste momento, somente citar as bases filosóficas que influenciaram um e outro.

As exposições teóricas de Piaget evidenciam a constatação da diversificação das espécies, sua evolução e modificação na relação com o meio. Por outro lado, no que diz respeito ao pensamento infantil, observou que apresenta uma lógica e que se desenvolve obedecendo a um processo dialético, que ele identificou como equilíbrio, resultado da assimilação e acomodação, a exemplo do processo biológico da assimilação.

"Se seguirmos a linha de evolução de uma mesma espécie (...) damo-nos conta da plasticidade espantosa do ser vivo - a inteligência humana é uma das formas de adaptação que assumiu a vida em sua evolução". (Dolle, 1987, p. 49)

Temos, portanto, na Teoria da Evolução de Charles Darwin, a fundamentação das suas crenças no organismo que evolui e que interage com o meio. Em Emmanuel Kant, a busca da compreensão do problema do conhecimento humano, apresentado na obra "A Crítica da Razão Pura" e da relação dialética entre tese e antítese, em que Kant se debateu na explicação racional da Cosmologia, da Psicologia e da Teologia.

Encontramos ainda, em Hegell (1770-1831), a fundamentação do processo de equilíbrio na busca do conhecimento, através da concepção dialética de interpretação do mundo em movimento constante entre tese, antítese e síntese.

Vamos encontrar, em Vigotskii, o materialismo dialético de Karl Marx, nas bases de sua concepção interacionista, onde apresenta como elemento dominante da relação, o ambiente social na determinação do desenvolvimento cognitivo infantil "Vigotskii era também o maior teórico do marxismo entre nós." (Luria, 1988, p. 25)

I - A APRENDIZAGEM NA CONCEPÇÃO COMPORTAMENTALISTA

Podemos identificar em nossa prática diária - sociais e legais - comportamentos passíveis de receberem recompensas e, conseqüentemente, se fortalecerem ou de serem extintos ou enfraquecidos com o uso de estímulos aversivos ou punitivos.

Edward S. Thorndike (1874-1949) desenvolveu o conceito de aprendizagem por consequências recompensadoras a partir de pesquisas realizadas, deixando para a Psicologia e a educação princípios e conceitos de grande influência. Por sua vez, Thorndike sofreu influência de Darwin, com a teoria evolucionista, e da doutrina associacionista.

Para Darwin, a explicação do comportamento animal restringia-se aos instintos ou raciocínio, no que enfrentou grande resistência e oposição por parte de teólogos e homens comuns por ser o raciocínio uma faculdade mental inerente ao ser humano e não aos animais. Coube a Thorndike uma explicação alternativa para o comportamento animal: a aprendizagem.

A influência do associacionismo levou Thorndike a concluir que a aprendizagem era principalmente uma questão de memorizar respostas corretas e eliminar respostas erradas como resultado das recompensas ou punições. A esse processo deu o nome de Lei do Efeito, estabelecida a partir de pesquisas com gatos e caixas de quebra-cabeças. Com essa pesquisa, Thorndike chegou à conclusão de que os animais aprendiam por tentativa e erro, por acaso, e não como resultado de uma compreensão inteligente.

Na mesma época em que Thorndike desenvolveu a Lei de Efeito, Ivan Pavlov (1849-1936), na Rússia, realizava o primeiro trabalho importante sobre comportamento condicionado (1927). Trabalhando com cães, demonstrou, através de experimentos, que funções autônomas, como a salivação, podiam ser desencadeadas por um estímulo

considerado neutro, tal como um sinal luminoso ou o toque de uma campainha acompanhado de um prato de comida. A essa reação, chamou de reflexo condicionado, e o processo desenvolvido é conhecido como condicionamento clássico.

Pavlov, então, concluiu que não apenas podia predizer e controlar os resultados de uma experiência, como podia provocá-los.

1) SKINNER E O CONDICIONAMENTO OPERANTE

B. F. Skinner nasceu em 20 de março de 1904, em Susquehanna, Pensilvânia, uma pequena cidade no nordeste do Estado. É considerado um dos mais influentes pesquisadores sobre a natureza da Psicologia e do comportamento humano e animal. Para ele, a pesquisa psicológica poderia, eventualmente, elevar-se de ciência probabilística para ciência exata.

Tendo recebido influência de outros behavioristas, ficou, no entanto, fascinado com o trabalho de Pavlov. Não apenas predizer, mas controlar o comportamento levou-o a desenvolver experimentos com animais como ratos e pombos e, mais tarde, a desenvolver um aparelho para os seus experimentos, que ficou conhecido como a "caixa de Skinner".

O processo de experimentação desenvolvido por Skinner foi muito diversificado. Citaremos, portanto, como exemplo, o trabalho desenvolvido com rato branco numa caixa, com a finalidade de tornar mais compreensível sua teoria:

- a) Após ter sido confinado por alguns dias, sem alimento e sem água, o rato é colocado numa caixa adaptada para esse fim, contendo, apenas, uma alavanca e um fornecedor de alimentos.
- b) (A exploração) O rato passa a desenvolver uma série de ações na exploração da caixa, não obstante os sinais de medo que apresenta. Os sinais vão desaparecendo à medida que vai conhecendo o local em que se encontra.
- c) A exploração é acentuada e, dentro das probabilidades dos movimentos, ao tocar a alavanca, é imediatamente recompensado pelo pesquisador com uma bolinha de alimento ou uma gotícula de água. Após essa resposta, cabe ao pesquisador manter o comportamento do rato controlado por estímulos e recompensas. O rato, então, está condicionado por ter apresentado, sob determinadas condições, o comportamento esperado. A esse processo, Skinner chamou de condicionamento operante porque implica operação do sujeito e não simplesmente um estímulo, como no condicionamento clássico, de Pavlov.

Um bebê, que ao jogar um objeto ao chão provoca determinado ruído, inicialmente não fará nenhuma relação entre sua ação e o barulho, mas, se continuar a jogar o objeto, começará a desconfiar da sua ação como responsável pelo barulho e, assim, terá desenvolvido uma relação de causa e efeito. Estará, portanto, condicionado e, sempre que desejar obter o barulho desejado deverá provocá-lo com essa ação.

Vemos, nesse exemplo, o processo de condicionamento operante de Skinner e a Lei do Efeito de Thorndike a que Skinner chamou de reforço.

Reforço é qualquer estímulo que aumenta a probabilidade de uma resposta. No nosso exemplo, jogar o brinquedo foi a resposta e o barulho foi o reforçador.

Os reforços podem ser positivos ou negativos. Reforço positivo é um estímulo que, quando apresentado, fortalece o comportamento operante. Exemplo: um professor que, ao se dirigir aos alunos, promete dar pontos como recompensa para quem entregar o trabalho no dia marcado e com a maior quantidade de acertos, poderá obter maior pontualidade e um índice maior de acertos do que nas situações anteriores, em que os alunos não receberam nenhum reforço.

O reforço é considerado negativo quando reduz ou elimina uma resposta e, da mesma forma que o reforço positivo, pode ser utilizado para condicionar o comportamento operante.

Para Skinner, a aprendizagem na escola se realiza através de condicionamentos operantes, levando em conta que a tarefa inicial do professor será moldar o comportamento dos seus alunos de modo a apresentarem uma resposta adequada e resultados satisfatórios, de acordo com as expectativas de ambos - escola e alunos.

Como forma de obtenção desses resultados, o professor pode utilizar o elogio, pontos ou até mesmo doces para reforçar as respostas desejadas, e como técnica de trabalho, Skinner sugere o uso de "Instrução Programada", que se caracteriza pela elaboração de exercícios previamente organizados numa sequência lógica, levando os alunos a uma execução por passos e onde uma resposta será vinculada à

precedente, devendo ser reforçada pelo professor logo após ser encontrada com acerto.

Aprendizagem, então, é concebida por Skinner como sendo condicionamento, que pode ser do tipo respondente (identificamos condicionamento clássico, de Pavlov como sendo dessa espécie) ou operante que, ao contrário do condicionamento respondente, é controlado pelos estímulos que se seguem à resposta.

Ainda dentro das concepções comportamentalistas, podemos citar Robert Gagné que se reconhece um behaviorista neo-Skinneriano.

O modelo apresentado por Gagné de concepção de ensino e aprendizagem baseia-se em três principais aspectos: os resultados ou aprendizagem, as condições internas que influenciam a aprendizagem e as condições externas da instrução.

Para Gagné, a aprendizagem pode ser definida como uma "modificação na disposição ou na capacidade do homem, modificação essa que pode ser retida e que não pode ser simplesmente atribuída ao processo de crescimento" (Gagné, 1971, p.3).

A concepção de Gagné é voltada para uma aprendizagem como processamento de informações, desde o estímulo inicial até a resposta final, passando por transformações até serem armazenadas na memória.

Para que ocorra esse processamento, devem ser consideradas as condições internas da pessoa que aprende

sua motivação, inteligência, habilidades, etc., assim como a situação externa, que deve propiciar condições adequadas para que a aprendizagem ocorra e possa se manifestar como resposta ou desempenho, confirmando, então, sua ocorrência.

II - A APRENDIZAGEM NA CONCEPÇÃO FENOMENOLÓGICA

Na orientação fenomenológica, o homem é o centro do processo da aprendizagem; é essencialmente livre na aquisição dos seus conhecimentos, devendo, apenas, ser conduzido por sua consciência e suas necessidades na busca de uma aprendizagem significativa.

Entre os teóricos da linha fenomenológica citaremos alguns, iniciando pelos pioneiros do movimento "Gestáltico".

1) A TEORIA DA GESTALT E A APRENDIZAGEM

De acordo com a Teoria "Gestáltica", o princípio mais importante de análise da experiência é a compreensão de que as partes nunca podem proporcionar uma visão de totalidade, uma vez que é na interação e interdependência das partes que o todo pode ser definido e compreendido.

Ora, a compreensão do processo da aprendizagem, como veremos a seguir em Rogers, David Ausubel e outros, passa necessariamente, pela compreensão e respeito a um ser que é dotado de capacidades físicas, mentais e afetivas que se complementam na formação do ser total, que interage com o

meio, motivado pela busca da autorealização e do desenvolvimento do "Eu".

Esse ser total, assim compreendido dentro de uma visão holística, transforma as experiências vivenciadas no vetor que conduzirá à busca da satisfação e da autorealização, através da percepção das relações que existem em toda composição de fatos e situações, vivenciadas.

Max Wetheimer, um dos pioneiros do movimento gestáltico, demonstrou, através de experiências com um fecho de luz arranjado verticalmente de modo a transpassar uma fenda, que a percepção do movimento "dependia das características relacionadas dos estímulos e da sua organização neural e perceptivas num único campo." (Fadiman Froger, 1979, p. 139)

Com esse experimento, Wetheimer contestava o movimento atomístico que se manifestava na época (1912), defendendo a precisão do todo a partir das partes, vistas isoladamente, transformando o todo numa simples soma de suas partes. As experiências, portanto, estavam reduzidas aos fatos analisados isoladamente.

Foi Wolfgang Koller, contemporâneo de Wetheimer, que demonstrou, através de experimentos com animais, que uma resposta é dada como resultado de um insight (visão interior) a um todo e não a elementos separados de um problema. Com isso, ele contestava também Thorndike que afirmava que a aprendizagem dependia simplesmente de tentativa e erro e da retenção das respostas corretas.

2) CARL ROGERS E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Carl Rogers difere basicamente de Skinner e dos behavioristas quando afirma ser necessária uma mudança estrutural e funcional na educação se quisermos, de fato, que ocorra aprendizagem nos alunos. Para tanto, é necessário promovermos mudanças nas quais o professor seja o facilitador da aprendizagem.

A aprendizagem, então concebida como uma atividade significativa, é desenvolvida por uma pessoa livre, autêntica e responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem, vivenciado em toda a sua globalidade.

Dessa forma, a aprendizagem é duradoura e transformadora, levando o aprendiz a um maior contato com sua realidade interna e externa.

Aprendizagem, para Rogers, significa, então, mais que uma simples acumulação de conhecimentos, mas um processo de aquisição que leva a transformações e desenvolvimento do "Eu".

A aprendizagem significativa foi também estudada por David Ausubel, que dizia ser necessário existir uma relação entre o conteúdo a ser aprendido e aquilo que o aluno já sabe e que faz parte da sua estrutura cognitiva. Essa relação deve apresentar-se com duas qualidades: substantividade e não arbitrariedade. Por substantividade, compreende-se a plasticidade na relação entre o material a ser aprendido e a estrutura cognitiva, desde que possa haver equivalência na representatividade simbólica.

A não arbitrariedade diz respeito ao relacionamento que deve existir entre o novo material a ser aprendido e a estrutura cognitiva, que não pode ser arbitrária, nem por acaso, numa aprendizagem significativa.

Além da substantividade e não arbitrariedade, para que ocorra a aprendizagem significativa, é necessário que o aluno tenha o desejo de aprender, o que agirá como uma força propulsora nesse processo.

III - APRENDIZAGEM NAS TEORIAS COGNITIVISTAS

1) A VISÃO DE JEAN PIAGET

Jean Piaget (1896-1980) - Criador da Teoria Psicogenética do Desenvolvimento Cognitivo e do método clínico Piagetiano.

Piaget e seus colaboradores forneceram grandes e valiosas informações sobre o processo do desenvolvimento cognitivo da criança.

Numa visão interacionista do desenvolvimento, Piaget estudou exaustivamente o modo como as crianças constroem as noções fundamentais do conhecimento e como desenvolvem o pensamento lógico. A partir de seus estudos, chegou à conclusão de que a lógica infantil se apresenta de modo diferente da lógica do adulto.

Desenvolveu a teoria conhecida como Psicogenética, que apresenta um desenvolvimento cognitivo dependente de um processo a que ele chamou de equilíbrio e que consiste

na busca constante do equilíbrio que, por sua vez, pode ser perturbado por situações diversas do meio ou mesmo por desequilíbrio no organismo.

Nessa busca inerente ao organismo vivo, dois mecanismos são acionados: a assimilação e a acomodação. No primeiro, o organismo absorve os objetos, situações e experiências, sem modificar sua estrutura, dando-lhes significações de acordo com as experiências vividas anteriormente. No segundo, ocorre uma ação inversa: o sujeito reage a esse novo material assimilado, modificando suas estruturas cognitivas para que haja acomodação necessária e, conseqüentemente, possa se ajustar às exigências do meio.

"A relação que une os elementos organizados a, b, c etc. aos elementos do meio x, y, z, etc. constitui, portanto, uma relação de assimilação, quer dizer, o funcionamento do organismo não destrói, mas conserva o ciclo de organização e coordena os dados do meio, de modo a incorporá-los nesse ciclo." (Piaget, 1982, p. 17)

"Se denominarmos acomodação a esse resultado das pressões exercidas pelo meio (transformação de b em b'), poderemos dizer, portanto, que a adaptação é um equilíbrio entre a assimilação e a acomodação." (idem, p. 17)

Fica clara, portanto, nas palavras de Piaget, a interação entre organismo e meio na determinação do processo de desenvolvimento cognitivo da criança, onde o equilíbrio entre

os processos de assimilação e acomodação é fator fundamental para que haja a adaptação do indivíduo.

Porém, apesar do desenvolvimento cognitivo depender da relação entre o organismo e o meio, é a maturação biológica o elemento preponderante da relação em detrimento do ambiente social. Desse modo, funções como da linguagem e aprendizagem ficam subordinadas ao processo de maturação e equilíbrio.

Logo, relacionando pensamento e linguagem, afirmamos, de acordo com Piaget, que o pensamento acontece antes da linguagem e depende da coordenação dos esquemas sensoriais motores, ou seja, do nível de maturação da criança e do equilíbrio nos processos de assimilação e acomodação e não da linguagem, como um elemento essencialmente social. Por outro lado, a aprendizagem, na teoria Psicogenética do Desenvolvimento, pode ser entendida como cita Vigotskii, ao comentar a teoria de Piaget: "um processo puramente exterior, paralelo, de certa forma, ao processo de desenvolvimento da criança, mas que não participa ativamente neste e não o modifica absolutamente: a aprendizagem utiliza os resultados do desenvolvimento, em vez de se adiantar ao seu curso e de mudar a sua direção." (L. S. Vigotskii, 1994, p. 103) Vista desse modo, aprendizagem é um processo limitado, desencadeado por situações específicas e sem peso no processo de desenvolvimento, que depende da maturidade biológica da criança.

Mas foi, sem dúvida, a inteligência o grande alvo dos

estudos de Piaget. Sua origem e desenvolvimento transformaram seus objetivos profissionais, levando-o a dedicar meio século de vida à sua compreensão.

Piaget dividiu o desenvolvimento cognitivo da criança em níveis de inteligência, que se apresentam seguindo uma sequência definida e universal.

O primeiro estágio é caracterizado pela inteligência sensório-motora que vai de 0 a 2 anos. Nesse período, o desenvolvimento cognitivo infantil se dá a partir das ações da criança sobre o meio, baseando-se em percepções sensoriais e esquemas motores.

O segundo estágio, que vai dos dois aos sete anos, inicia com o surgimento da função simbólica que possibilitará a diferenciação entre significante e significado e consequentemente, o surgimento da linguagem. No chamado período pré-operatório, a inteligência infantil apresenta esquemas representativos ou simbólicos, o que possibilitará a representação do avião, do carro, do papai, da mamãe, da professora, etc. Esse período do pensamento infantil é marcado pelo egocentrismo, através do qual a criança compreende o mundo, a partir de si mesma. Outra característica marcante é a falta de conservação, o que impedirá a criança de retornar a um ponto inicial levando-a sempre a uma nova ação, ao invés de retornar a um determinado ponto. Com isso, ela apresenta outra limitação que diz respeito à reversibilidade do pensamento, que somente irá apresentar no estágio das operações concretas. O

pensamento pré-operacional, então, é estático, impedindo a criança de acompanhar as transformações que acontecem à sua volta.

O terceiro estágio é a fase da inteligência operatória por volta dos 7 aos 10-11 anos. A criança apresenta a capacidade de compreender uma realidade como um todo e ver as relações das partes com o todo e entre si.

Nessa etapa a criança já apresenta condições para conservar uma idéia inicial e voltar ao ponto de partida de uma mesma situação. Estabelece-se, agora, uma relação com o meio, regida por princípios de realidade e não mais centrada em si mesma, em suas próprias percepções.

O quarto estágio, caracterizado pela inteligência operatória formal, é marcado pela capacidade de elaborar idéias, desenvolver conceitos, etc., ou seja, não está limitado ao mundo concreto e, portanto, é capaz de abstrair, operacionalizando mentalmente, trabalhando com probabilidades e possibilidades; com o que é possível ou é real.

Em vez de "o possível manifestar-se sob a mera forma de uns prolongamentos do real ou das ações executadas sobre a realidade, é, ao contrário, o real que se subordina ao possível" (L.E.L.A, P. 220)

O desenvolvimento cognitivo, então, é concebido a partir de estágios que seguem uma sequência que é universal e que depende do processo de assimilação e acomodação com o que é possível ou real.

2) A VISÃO DE VIGOTSKII

Em Vigotskii (1896-1934), vamos encontrar algumas semelhanças com Piaget, e em outros aspectos, com Bruner.

Vigotskii concebe a aprendizagem como diferente de desenvolvimento e nisso se assemelha a Piaget, mas, ao mesmo tempo, difere quando dá ênfase especial ao papel da linguagem na organização e desenvolvimento dos processos de pensamento.

Para Vigotskii, a aprendizagem da criança começa antes da aprendizagem escolar, isso porque existe uma relação de dependência recíproca entre o nível de desenvolvimento e a capacidade para aprender. No entanto, é o processo de desenvolvimento que segue a aprendizagem, mesmo que nunca se produzam nas mesmas proporções e em momento paralelo.

Vigotskii partilhava da insatisfação dos psicólogos da Gestalt para com a análise psicológica que começou por reduzir todos os fenômenos a um conjunto de "átomos psicológicos" (Vigotskii, 1989, p. 6).

Acreditava na força da relação social no processo de desenvolvimento cognitivo da criança, tendo, como principal fator de interação, a linguagem.

3) A VISÃO DE DAVID AUSUBEL

David Ausubel é também um teórico da aprendizagem que vê, na estrutura cognitiva, um dos fatores fundamentais

no processo de aprendizagem e, desse modo, deve ser clara e hierarquicamente organizada, proporcionando uma maior aquisição de conhecimentos, com definições claras e precisas.

4) A VISÃO DE JEROME BRUNER

Outro teórico que também estudou o desenvolvimento cognitivo para compreender o processo da aprendizagem foi Jerome Bruner. Ele estabeleceu níveis de representação cognitiva do mundo para a compreensão do desenvolvimento da criança.

Em alguns pontos, Bruner difere de Piaget, a exemplo da linguagem e do pensamento. Se para Bruner a linguagem assume papel preponderante e o pensamento depende desta, para Piaget, pensamento e linguagem caminham paralelamente.

Outro ponto que Bruner se distancia de Piaget é sobre a prontidão para aprender, que para Bruner depende não somente do estágio em que o aluno se encontra, mas do assunto estudado e da maneira de ser apresentado, ou seja, é o resultado da interação entre esses três fatores.

IV - OS PROBLEMAS E DIFICULDADES DA APRENDIZAGEM

As teorias nos levam à compreensão dos processos psicofísicos e sociais da aprendizagem, mas, se por um lado é importante compreendermos como se dá a aprendizagem, por outro, é fundamental entendermos o porque do não

aprender, mesmo quando a criança não apresenta nenhum comprometimento mental que explique tal dificuldade.

Para um trabalho mais eficaz com o aprendiz com problemas de aprendizagem, devemos ter claro o que entendemos por perturbações na aprendizagem, dificuldades de aprendizagem e problemas escolares.

1) PERTURBAÇÕES NA APRENDIZAGEM

Consideramos perturbações na aprendizagem aquelas que interferem no processo de aprender, independentemente do nível cognitivo¹ da criança.

Na interação com o meio, a criança desenvolve relações afetivas, interpessoais com o grupo familiar, com a vizinhança, escola, igreja, etc. e vive emoções que podem se traduzir em reações físicas perturbadoras. A essas reações damos o nome de distúrbios psicossomáticos, que podem ser desencadeados a partir de diversas situações vivenciadas, como, por exemplo, o afastamento de um ente querido. A descompensação advinda da reação afetiva age sobre os órgãos e sobre o nível de integração emocional.

Ao nível de vivência escolar, as mudanças de escola, de professora ou de casa com conseqüente mudança de amigos e de escola, ocasionando o afastamento do aprendiz do seu grupo de troca, poderá levar a uma vivência emocional incompatível com o processo de aprendizagem, que se apresentava prejudicado, embora o aprendiz, quando

¹Cognição é o ato ou processo de conhecer, que envolve atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem, a palavra tem origem nos escritos de Platão e Aristóteles.

avaliado, apresente uma estrutura cognitiva capaz de assimilar o conteúdo escolar exigido.

Outras questões se situam no âmbito familiar. Para uma criança, o nascimento de um irmão pode significar uma ameaça e, assim, todas as suas atenções estarão voltadas para aquele pequeno ser que pode lhe roubar o afeto, o colo, o espaço, etc., iniciando, então, uma luta em defesa dos seus "direitos", que ela acredita estarem sendo ameaçados.

Dessa forma, poderá apresentar comportamentos estranhos e quase sempre de regressão a estágios anteriores, na tentativa de competir com o "rival". Esses comportamentos vão além do ciclo familiar, apresentando-se, igualmente, na escola. Logo, professores e colegas percebem a mudança, que já se faz sentir também na aprendizagem.

A separação entre os pais para crianças e adolescentes é sempre uma situação de perda com a qual devem aprender a lidar. Esse momento exige do aprendiz uma adaptação à nova condição que implica não apenas perda do contato com um dos pais (parcial ou total), mas, em muitos casos, perdas sociais e financeiras. Todas essas mudanças irão interferir, em maior ou menor grau, no processo de aprendizagem.

A superproteção materna ou de outros adultos que lidam com o aprendiz determinará, neste, prejuízo no desenvolvimento psicológico, psicomotor e social, interferindo, também, no processo de aprendizagem.

Embora a família ou alguns dos seus membros se preocupem em manter o equilíbrio psicológico da família, principalmente das crianças, em diversas situações é facilmente percebida a fragilidade do grupo na administração

do problema central e suas consequências, ficando a criança ou o adolescente suscetível de distúrbios emocionais e, conseqüentemente, de problemas na aprendizagem.

2) DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Os sintomas clínicos da criança com problemas de aprendizagem podem ser confundidos com quadros de disritmias, de retardamento mental ou, até, de psicoses, sendo esta mais uma dificuldade na avaliação dos distúrbios da aprendizagem.

Ao nível dos sintomas psicossomáticos, as crianças apresentam, mais comumente, diarreias, febre, dor de cabeça, vômito, indisposição e sudorese excessiva, principalmente nas extremidades. Esses são os sintomas mais observados e que levam os pais, às vezes, a tomarem atitudes errôneas, na tentativa de solucionar o problema, como, por exemplo, retirar a criança da escola, quando o motivo da resistência está em situações do âmbito familiar, como o medo de perder os pais ao deixá-los para ir à escola, medo de não ser amado e reconhecido ao retornar, perdendo o lugar para o irmão ou outros motivos quaisquer, a depender das relações familiares e das vivências afetivas da criança.

É possível, ainda, fazer distinção entre dificuldade de aprendizagem e perturbações na aprendizagem. Segundo Fonseca (1995), essas últimas não revelam quaisquer disfunções neuropsicológicas. No entanto, as dificuldades de aprendizagem, em muitos casos, estão relacionadas às subjacentes disfunções do sistema nervoso central, provenientes de lesão ou dano, caracterizando uma disfunção cerebral psiconeurológica.

Porém, é igualmente possível que seja proveniente de um processo endógeno evolutivo ou mesmo hereditário.

Ainda, segundo Fonseca (1995 p.37), *"Myklebast apurou em pesquisa realizada, que 75 a 85% das crianças com DA. manifestaram sinais neurológicos evidentes, possíveis de serem detectados pelo eletro-encefalograma e mais num outro trabalho, mostra que um mínimo de 50% de crianças em idade escolar apresentam DA, resultante de distúrbios no cérebro."*

As crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem tornam-se um desafio para a escola e uma preocupação para os pais, visto que essas dificuldades nunca apresentam apenas uma causa, além da sintomatologia ser sempre diversa, levando, conseqüentemente, como já foi citado anteriormente, às dificuldades no diagnóstico.

Dessa forma, a definição do que seja dificuldades de aprendizagem não atingiram ainda um consenso científico por surgirem sempre de necessidades sociais e políticas. Por isso, de acordo com, o NJCLD_ referir-se às DA é referir-se "a um termo geral que diz respeito a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático." (Fonseca, 1995, p71)

3) PROBLEMAS ESCOLARES

Os problemas escolares, por sua vez, dizem respeito às dificuldades que alguns alunos têm de seguirem normas disciplinares, de manter relações positivas com colegas e

professores e de apresentarem conhecimentos exigidos para a série que estão cursando, o que, por sua vez, denuncia um trabalho pedagógico falho onde as crianças ou adolescentes não são devidamente avaliadas, ou não são trabalhadas adequadamente na série anterior, expondo-os a situações constrangedoras, mediante uma metodologia que, na maioria das vezes, não possibilita a construção da aprendizagem como um processo individual e pessoal, mas apenas como receptor e reprodutor de um conhecimento limitado e arbitrário, imposto por um sistema pedagógico falido, representado pela figura do professor autoritário.

Além das dificuldades dos alunos e dos professores, ainda haveria as condições ambientais que, na maioria das vezes, são incompatíveis com as necessidades biológicas para que ocorra a aprendizagem.

Chegamos à conclusão, portanto, de que, para compreendermos a dimensão dos problemas de aprendizagem, é necessário termos uma visão dialética e uma postura de respeito para com o aprendiz. Somente assim será possível reconhecer as condições internas ou neurológicas, e as condições externas, ou socioculturais que estão presentes no processo de aprendizagem humana.

ATIVIDADES – LIÇÃO III

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☒ L. S. Vigotskii disse: “Aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais formadas historicamente.”
- 2) ☒ Platão, o grande filósofo grego, desenvolvia o diálogo com seus discípulos de modo a propiciar novos e constantes questionamentos, levando-os à tomada de consciência quanto às suas próprias limitações no tocante ao tema em discussão.
- 3) ☐ Reforço é qualquer estímulo que aumenta a probabilidade de uma resposta.
- 4) ☐ Consideramos perturbações na aprendizagem aquelas que interferem no processo de aprender, independentemente do nível cognitivo da criança.
- 5) ☐ A superproteção materna ou de outros adultos que lidam com o aprendiz determinará, neste, prejuízo no desenvolvimento psicológico, psicomotor e social, interferindo, também, no processo de aprendizagem.
- 6) ☐ Os sintomas clínicos da criança com problemas de aprendizagem podem ser confundidos com quadros de disritmias, de retardamento mental ou, até, de psicoses, sendo esta mais uma dificuldade na avaliação dos distúrbios da aprendizagem.

Lição IV

Dinamizando o Ensino

DINAMIZANDO O ENSINO

Há alguns aspectos básicos que são necessários para que o professor tenha êxito no seu trabalho: sua preparação para ensinar, os métodos e as técnicas que serão usadas no ensino e o planejamento. Ninguém espera que o professor seja perfeito, mas que possua eficiência naquilo que faz.

I - A PREPARAÇÃO DO PROFESSOR

Inicie a preparação das suas aulas com bastante antecedência, evitando a pressa e a imperfeição do seu trabalho. Procure se organizar. O preparo do professor e sua criatividade contam bastante.

A) PREPARANDO-SE PARA A AULA

Para ensinar o professor não precisa apenas ter vocação, mas, também, ter preparo, ou seja, ter habilidade para ensinar. O apóstolo Paulo recomenda aos que querem exercer o ministério do ensino que “*seja apto para ensinar*” (1 Tm 3.2).

O termo ensinar vem do verbo grego “didaktikos”, procedente do grego “didaktiké” - **didática**, que significa a arte de ensinar, de transmitir conhecimentos ou técnica de ensinar; e a palavra grega para quem ensina ou para mestre é “didaskalos”. Traduzida, a palavra “didaktikos”, significa “hábil para ensinar.”

O preparo e bom senso do professor é o elemento chave para o seu sucesso com os seus alunos. Portanto, prepare-se bem para não demonstrar insegurança na hora da exposição da sua aula. A sua insegurança levará a classe a uma perda de estímulo e uma desmotivação para o estudo.

1) A ADMINISTRAÇÃO DO TEMPO

Abra espaços para o estudo e planeje o maior aproveitamento possível do seu tempo. Prepare uma agenda semanal das atividades que serão desenvolvidas. Este é um bom princípio para aproveitar o tempo e realizar o máximo em cada momento e em cada atividade.

2) O AMBIENTE DE ESTUDO

Escolha um ambiente amplo, arejado, bem iluminado e silencioso para realizar os seus estudos. Procure ler sentado e ter em mãos o material de estudo, dicionários, várias fontes de pesquisas, lápis e um bloco de papel.

Leia cuidadosamente a matéria que será desenvolvida durante a aula. Não leve dúvida para a classe. O preparo do professor será fundamental no rendimento durante as aulas.

B) A NECESSIDADE DA LEITURA

Um aspecto fundamental na preparação da aula é a leitura sistemática e a compreensão do assunto que será estudado.

Uma boa leitura propicia a ampliação de conhecimentos; ajuda na obtenção de informações básicas e específicas; contribui com a abertura de novos horizontes para a mente; facilita a sistematização do pensamento e o enriquecimento de vocabulário; e melhora o entendimento do conteúdo que será aplicado. Portanto, selecione e leia livros e textos sobre o assunto da lição e amplie os seus conhecimentos.

1) UMA LEITURA PROVEITOSA

O conhecimento amplo e sistemático do assunto que será abordado é fundamental para a eficiência do seu trabalho. Por isso, cabe a você estudar durante a semana, fazendo pesquisas no intuito de enriquecer o conteúdo que será aplicado.

Um bom estudo começa com uma leitura proveitosa. Veja alguns aspectos fundamentais para se fazer uma leitura com bastante proveito:

- a) Atenção** – Leitura cuidadosa e profunda buscando o entendimento, assimilação e apreensão dos conteúdos básicos do texto.
- b) Interesse** – Leitura com o intuito de adquirir proveito intelectual.

- c) **Reflexão** – Leitura que visa aprofundar conhecimentos e assimilar as idéias do autor. Considera-se e pondera-se o que se lê, observando todos os ângulos com o intuito de adquirir o esclarecimento e o aperfeiçoamento do texto.
- d) **Visão Crítica** – Leitura que visa avaliar o texto, julgando, comparando, aprovando, aceitando ou refutando as diferentes colocações e pontos de vista do autor.
- e) **Síntese** – Leitura com o propósito de resumir as idéias principais, deixando de lado tudo o que for secundário.

2) APRENDENDO A ANALISAR O TEXTO

A análise implica num exame sistemático do texto, fazendo uma decomposição do todo em suas partes, buscando separar as palavras-chaves da idéia principal e os pormenores importantes. Lakatos e Marconi (1990) apresentam os seguintes passos para o procedimento de uma análise:

- a) Proceder à leitura integral do texto com o objetivo de se obter uma visão do todo;
- b) Rer o texto assinalando ou anotando as palavras e expressões desconhecidas valendo-se de um dicionário para esclarecer seus significados;
- c) Dirimidas as dúvidas, fazer nova leitura, visando à compreensão do todo;
- d) Tornar a ler, procurando a idéia principal ou palavra-chave, que tanto pode estar explícita no texto; às vezes, encontra-se confundida com aspectos secundários e acessórios;

- e) Localizar acontecimentos e idéias, comparando-os entre si, procurando semelhanças e diferenças existentes;
- f) Agrupá-los, pelo menos por uma semelhança importante, e organizá-los em ordem hierárquica de importância;
- g) Interpretar as idéias e/ou fenômenos, tentando descobrir conclusões a que o autor chegou e depreender possíveis ilações);
- h) Proceder à crítica do material como um todo e principalmente das conclusões.

3) MELHORANDO O SEU VOCABULÁRIO

Algumas pessoas não conseguem ler bem porque não têm um bom vocabulário. O domínio cada vez maior do vocabulário facilita a compreensão do texto e aumenta a velocidade da leitura.

O melhor recurso para ampliação do vocabulário é, sem dúvida, a leitura. Portanto tenha sempre consigo um dicionário.

Sublinhe as palavras que não entendeu e procure o significado delas. Em seguida leia mais uma vez o texto e verá como o mesmo se tornou mais claro. Esse exercício ajudará a você enriquecer o próprio vocabulário.

C) REALIZANDO PESQUISAS

Em seu papel de facilitador das respostas dos alunos, cabe ao professor estudar durante a semana, ampliando os

seus conhecimentos, enriquecendo o assunto estudado com pesquisas em várias fontes no intuito de facilitar a compreensão do conteúdo que será trabalhado na sala de aula.

Portanto, adquira boas fontes de pesquisas. Invista na sua biblioteca pessoal. O bom desempenho do professor dependerá do seu preparo intelectual. Veja alguns aspectos básicos que ajudam na hora da pesquisa.

1) ESCOLHENDO O MATERIAL PARA PESQUISA

Para que não haja perda de tempo no momento de escolher as fontes de pesquisas, realize uma leitura rápida. Numa leitura rápida, observam-se, principalmente, os elementos auxiliares que identificam o texto como o título, a data de publicação, a orelha ou contracapa, introdução, prefácio ou nota do autor e a bibliografia.

- ✓ **O título** – Estabelece o assunto e às vezes, até a intenção do autor.
 - ✓ **A data de publicação** - Mostra se a obra é ou não atualizada. Nos textos clássicos a atualidade não é importante.
 - ✓ **A orelha ou contracapa** – Dá uma visão acerca do autor e da obra. Às vezes também indica o “público” alvo.
 - ✓ **Introdução, prefácio ou nota do autor** – Mostra os objetivos do autor e a metodologia utilizada por ele.
 - ✓ **Bibliografia** – Permite obter uma idéia das obras consultadas e suas características gerais.
-

Através de uma leitura rápida é possível observar se o livro, ou o artigo, ou o texto servem como referência bibliográfica.

2) FAZENDO RESUMOS

Um método eficaz que ajuda na preparação do esboço da aula é a elaboração de um resumo do(s) texto(s) estudado(s).

O resumo é a apresentação concisa e frequentemente seletiva do texto, destacando-se os elementos de maior interesse e importância, isto é, as principais idéias do autor da obra. Para se fazer um resumo, se faz necessário ler o texto pelo menos três vezes.

Na primeira leitura deve-se fazer um esboço do texto, tentando captar o plano geral da obra e seu desenvolvimento. Na segunda leitura duas questões básicas são respondidas:

- ✓ De que se trata o texto?
- ✓ O que pretende demonstrar?

As respostas dessas questões identificam à idéia central do texto e o propósito que norteou o autor. Na terceira leitura observa-se e registram-se as partes principais em que se estrutura o texto, busca-se uma compreensão de cada parte importante, anotam-se as palavras-chave e verifica-se o tipo de relação entre as partes do texto.

A prática de resumir textos ajuda na assimilação de conteúdos.

3) SUBLINHANDO O TEXTO

Uma técnica bastante proveitosa durante o estudo da lição é a arte de sublinhar o texto que está estudando.

Durante a leitura destaque as idéias principais, as palavras-chaves e os aspectos mais importantes do texto. Quem costuma sublinhar está constantemente atento à leitura. Você pode usar dois traços para destacar as palavras-chaves da idéia principal e com um único traço os pormenores importantes.

Também poderá usar cores diferentes. Procure adotar uma simbologia que mantenha uma significação bem definida e constante.

4) REVISANDO O ASSUNTO

Antes de terminar o estudo e a preparação da aula faça uma revisão do assunto que será abordado e dos objetivos que foram traçados. Procure formular questões referentes ao tema e observe se está realmente seguro para ministrar a aula.

Às vezes achamos que dominamos o assunto e estamos prontos, mas quando elaboramos questões por escrito e tentamos responde-las percebemos que precisamos melhorar. Não basta apenas entender o assunto, mas saber expressá-lo com segurança e clareza.

Quando o professor se prepara bem para a aula e utiliza-se do trabalho de revisão, sentirá facilidade de expor a lição.

II - MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO

O uso de métodos de ensino ajuda no processo de aprendizagem. Estes não devem ser aplicados aleatoriamente.

O professor não pode esquecer o verdadeiro significado e a importância da aprendizagem no momento da escolha desses métodos. Marques, J.C. (1997)¹ apresenta vários princípios de aprendizagem que devem ser lembrados pelo professor:

- a) A aprendizagem é um processo global e cumulativo.
- b) A aprendizagem só terá lugar se o indivíduo tiver prontidão para realizá-la.
- c) A aprendizagem implica em modificação de comportamento.
- d) A aprendizagem deve atender às diferenças individuais.
- e) A aprendizagem desenvolve-se segundo o ritmo próprio de cada um.
- f) A aprendizagem se efetiva melhor quando se realiza por pequenas etapas.
- g) O aluno aprende melhor quando pode verificar imediatamente a sua resposta.
- h) A aprendizagem será mais significativa se for repetida em diferentes momentos e situações.

¹ MARQUES, J.C. Paradigma para a análise do ensino. Globo, 1977.

A - MÉTODOS E TÉCNICAS

Método - A palavra método vem do grego *méthodos*, significa, literalmente, “caminho para chegar a um fim”; Processo racional para chegar ao conhecimento ou demonstração da verdade; Ordem ou sistema que se segue no estudo ou no ensino de qualquer disciplina; Maneira de proceder.

Segundo Libâneo (1994) os métodos de ensino são ações, passos e procedimentos vinculados a reflexão, compreensão e transformação da realidade; são ações do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir os objetivos.

Já a técnica é a prática ou operacionalização do método. É o como fazer. A aprendizagem do aluno torna-se mais efetiva quando é orientada de modo sistemático. Este modo sistemático organizado constitui o **método**.

Conforme Libâneo a escolha e a organização dos métodos de ensino dependem: dos conteúdos específicos; do tipo de público a que se destina, e, implica no conhecimento das características dos alunos quanto à capacidade de assimilação e quanto as suas características sócio-culturais e individuais; (ligação entre os objetivos e as condições de aprender do aluno).

Métodos e técnicas didáticas são os elementos que os professores utilizam para uma boa aula, como por exemplo: debates, discussões em grupo, perguntas e respostas, dramatizações, entre outros.

2) MÉTODOS DE LABORATÓRIO

Nos métodos de laboratório o professor ensina demonstrando e o aluno aprende de diversas maneiras por intermédio da sua participação ativa na solução de problemas, experimentando, inventando, descobrindo etc. Portanto, procure explorar o potencial do seu aluno. Deixe-o envolver-se durante a exposição da aula. Torne cada vez mais sua aula atrativa.

Se você utiliza métodos de laboratório, ou seja, se o seu aluno é a figura central do processo ensino-aprendizagem, você terá a seu dispor muitas e variadas técnicas que ajudarão na aprendizagem dele.

3) O USO DE ILUSTRAÇÕES

O uso de ilustrações também poderá ajudar o aluno na compreensão do assunto que desejamos aplicar. Use a criatividade e torne a sua aula mais prática. Métodos repetitivos levarão o aluno a uma desmotivação.

O professor poderá utilizar a ilustração como recurso. A aula pode ser iniciada com uma reflexão sobre um fato ou uma história que esteja relacionada ao assunto que será abordado.

4) A APLICAÇÃO DE TÉCNICAS E A APRENDIZAGEM

As técnicas quando bem aplicadas ajudam a desenvolver a aprendizagem do aluno. Exemplos: Estudo dirigido de um texto, debate, discussão circular, seminário, dinâmicas de grupo etc.

O professor não pode perder de vista os objetivos que foram traçados. Portanto, evite se prender a pequenos detalhes. Realize sempre atividades em equipes. Leve o aluno a pesquisar. Estimule-o a leitura. Dê oportunidade para ele apresentar o resultado de suas pesquisas.

Libâneo (1994) considera o estudo dirigido como “Método de trabalho independente” – *“Atividades realizadas pelos alunos, dirigidas (estudo dirigido) e orientadas pelo professor.”*

Segundo o autor para que esse método seja eficiente, o professor precisa: dar tarefas claras e acessíveis; assegurar condições de trabalho; acompanhar de perto; aproveitar o resultado para toda classe.

O autor destaca ainda “As atividades especiais”. Segundo ele estas *“complementam os métodos de ensino com objetivo de assimilação dos conteúdos: Jornal escolar, Museu escolar, Teatro, Biblioteca escolar, estudo do meio etc.”*

Libâneo mostra que a eficiência desses meios está na discussão e compreensão da atividade proposta:

O estudo do meio não se limita só aos passeios, mas a todos os procedimentos que possibilitem a discussão e compreensão do cotidiano. São necessárias 3 fases: Planejamento – o que observar? Que perguntas poderão ser feitas? (O professor deverá fazer conhecer o local); Execução – observar, anotar, conversar com as pessoas; Exploração dos resultados e avaliação – relatório, redação, sistematização pelo professor.

5) OS MÉTODOS DE ENSINO DE JESUS

Já vimos que Jesus foi o maior pedagogo de todos os tempos; ele usou os métodos didáticos mais variados para ensinar de acordo com a ocasião e as necessidades dos ouvintes. Em seus ensinamentos usou uma linguagem de fácil compreensão para todos os que o ouviam, ainda que seus ensinamentos dependam da revelação do Espírito Santo para serem compreendidos, conforme Mateus 13:9-15.

“Por isso lhes ensino por parábolas; porque eles, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem nem compreendem. E neles se cumpre a profecia de Isaías... Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviram de mau grado com seus ouvidos, e fecharam seus olhos...” (Mateus 13: 13 a 15).

a) *Ensinou usando parábolas*¹ - Exemplos:

- ✓ **O Semeador** (Mt 13.5-8);
- ✓ **O Joio** (Mt 13.24-30);
- ✓ **O Tesouro Escondido** (Mt 13.44);
- ✓ **A Ovelha Perdida** (Mt 18.12-14);
- ✓ **As Dez Virgens** (Mt 25. 1-13);
- ✓ **O Bom Samaritano** (Lc 10.25-37);
- ✓ **A Grande Ceia** (Lc 14.16-24);
- ✓ **O Filho Pródigo** (Lc 15.11-32);
- ✓ **O Rico e Lázaro** (Lc 16.19-31).

¹ Parábola é uma narrativa, imaginada ou verdadeira, que se apresenta com o fim de ensinar uma verdade (Elias R. de Oliveira: www.vivos.com.br).

Vimos que os ensinamentos de Jesus buscavam alcançar não só a mente (intelecto) dos ouvintes, mas, principalmente seus corações. O ensino por parábola atraía a atenção do povo naquela época, e, despertava a indagação dos ouvintes.

Aqueles que por obediência a Deus procurassem conhecer e entender a sua palavra; poderiam compreender os ensinamentos de Cristo, uma vez que Ele estava sempre disposto a explicar-lhes.

b) Ensinou usando ilustrações

Jesus também ensinou usando ilustrações variadas do dia a dia das pessoas, para ensinar as diversas mensagens das Escrituras, sobre o amor de Deus pelos homens, bem como outros temas. Usou exemplos como: uma pesca, árvore, fruto, solo, pastor, semente, ovelha, etc., (Lc 15.1-7, 11-24).

III - O USO ADEQUADO DE TÉCNICAS

Para que uma técnica seja aplicada de forma adequada é imprescindível que o professor conheça seus alunos em profundidade. Quando se trata do adolescente, o professor deve considerar as características que lhe são peculiares.

O adolescente é dinâmico, mutável, imprevisível, especulador, analítico, crítico e inseguro; gosta de competir, gosta de lidar com abstrações, possui grande capacidade intelectual etc. Portanto, procure ouvi-lo. Seja sensível às suas necessidades e ao seu processo de mudança.

Todas as técnicas têm o seu valor. Porém, para que se alcance êxito na sua utilização deve-se observar os seguintes aspectos: O momento em que a técnica é aplicada, o tipo de aluno a que se destina, a matéria estudada, os objetivos que ela visa alcançar e se ela condiz com a maneira de ser do professor.

O uso de técnicas adequadas poderá ajudar no desenvolvimento da sua aula. Porém, não se esqueça que o êxito do seu trabalho dependerá não só do modo como você desenvolve a sua aula, mas, sobretudo, do amor que você expressa pelo trabalho que desempenha. Junte estes ingredientes, amor, dedicação e criatividade e tenha bom êxito.

IV - O PLANEJAMENTO

Planejar é algo imprescindível no processo ensino-aprendizagem. Antes da exposição de uma aula o professor deve preparar um plano de aula capaz de prever as necessidades básicas do aluno.

O imprevisto tem sido um dos grandes problemas nas nossas escolas, acarretando em trabalhos malfeitos, que não deixam resultados satisfatórios. Uma boa aula réquer um bom planejamento.

A) O QUE É PLANEJAR

O sucesso do professor dependerá de um bom planejamento. Planejar é o mesmo que elaborar a planta de um edifício. Toda construção precisa ser guiada por uma

planta. Esta planta indicará certas diretrizes que devem ser obedecidas. Mas afinal, o que é planejamento? Danilo Gandin (1994) apresenta pelo menos nove conceitos sobre planejamento:

- ✓ Planejar é *transformar* a realidade numa direção escolhida.
- ✓ Planejar é *organizar* a própria ação (de grupo, sobretudo).
- ✓ Planejar é *implantar* “um processo de intervenção na realidade”.
- ✓ Planejar é *agir* racionalmente.
- ✓ Planejar é *dar clareza* e precisão à própria ação (de grupo, sobretudo).
- ✓ Planejar é *explicitar* os fundamentos da ação do grupo.
- ✓ Planejar é *por em ação* um conjunto de técnicas para racionalizar a ação.
- ✓ Planejar é *realizar* um conjunto orgânico de ações, proposto para aproximar uma realidade a um ideal.
- ✓ Planejar é *realizar* o que é importante (essencial).

No planejamento, há três aspectos básicos que devem ser considerados: a **elaboração**, a **execução** e a **avaliação**.

Na fase da elaboração, o professor deve conhecer bem os seus alunos. O conteúdo previsto neste plano contemplará o aluno levando em consideração sua realidade.

Na fase da execução, a maneira como os conteúdos serão trabalhados, dependerá dos recursos e das técnicas que o professor vai utilizar.

A avaliação se constitui na fase de maior importância. Esta deverá acontecer em três etapas:

1) AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Ocorre durante a fase de preparação da aula. É o momento em que se faz um levantamento das necessidades básicas do aluno, afim de que o conteúdo programado esteja relacionado com a realidade desse aluno.

2) AVALIAÇÃO FORMATIVA

É basicamente um acompanhamento ou uma assistência aos planos traçados anteriormente. Durante a exposição do conteúdo o professor poderá detectar possíveis falhas e corrigi-las a fim de que não haja interrupções no processo de aprendizagem. O professor precisa ser flexível e mudar de estratégia quando se fizer necessário. A criatividade é fundamental nesse momento.

3) AVALIAÇÃO SOMATIVA

Ocorre após a exposição do conteúdo. Momento em que se avalia o desempenho do aluno. O desempenho do aluno depende muitas vezes da forma como o professor aplica o conteúdo na sala de aula.

A função do planejamento é tornar clara e precisa a ação. Quando planejamos, organizamos o que fazemos, sintonizamos idéias e captamos recursos para tornar a nossa ação mais eficiente. Gandin apresenta três perguntas básicas que precisam ser feitas dentro de um processo de planejamento:

- O que queremos alcançar?
- A que distância estamos daquilo que queremos alcançar?
- O que faremos concretamente (em tal prazo) para diminuir esta distância?

A primeira questão refere-se aos objetivos que precisam ser traçados. A segunda, a um diagnóstico daquilo que estamos fazendo, ou seja, até que ponto estamos longe ou perto de alcançarmos os objetivos preestabelecidos. A última questão refere-se ao que precisamos fazer, concretamente, para a consolidação desses objetivos.

Se o professor não for capaz de responder estas três perguntas ao preparar sua aula não se pode dizer que houve planejamento.

B) O PLANO DE AULA

A elaboração do plano de aula faz parte do processo de planejamento. O plano de aula “é a proposta de trabalho do professor para uma determinada aula ou conjunto de aulas (por isto pode ser chamado também de Plano de Unidade). Corresponde ao nível de maior detalhamento e objetividade do processo de planejamento. É o ‘que fazer’ concreto” (Rosetto, 2005). Um plano de aula bem elaborado inclui pelo menos seis etapas:

1) OBJETIVOS

Esta etapa responde a questão “para que”, que incluem três aspectos básicos: a natureza dos estudos referentes à

disciplina; o contexto e realidade de mundo do aluno; e suas necessidades básicas.

2) POPULAÇÃO-ALVO

Esta etapa responde a questão “para quem”. O professor precisa conhecer bem os seus alunos. O conteúdo aplicado precisa ser coerente com a realidade de vida e a visão de mundo desses alunos.

3) SELEÇÃO DE CONTEÚDOS

Nesta etapa, o conteúdo que deverá ser aplicado, é selecionado. Esta seleção obedece a uma ordem lógica e psicológica, ou seja, deve-se levar em conta o desenvolvimento do aluno.

4) MODOS OPERACIONAIS

Esta etapa corresponde à fase da escolha dos recursos e técnicas que mais se adaptam a turma. Estes não podem fugir dos objetivos propostos.

5) AVALIAÇÃO

A avaliação tem um valor diagnóstico para o aluno e para o professor. Na avaliação está(ão) exposto(s) os resultados que o professor espera alcançar através dos recursos e técnicas que serão utilizados.

6) FONTES DE INFORMAÇÃO

Nesta etapa, o professor deverá incluir as fontes mais importantes (livros, revistas e textos), que ajudarão no desenvolvimento do conteúdo.

O plano de aula é a parte mais importante do planejamento.

“Não planejar pode implicar em perder possibilidades de caminhos por isso o plano de aula deve ser feito como uma necessidade do professor e não por exigência formal da coordenação ou direção”. (Rosetto, 2005).

Porém, se este não estiver articulado ao Plano de Ensino e ao Projeto Pedagógico da escola, perderá o seu significado.

Modelo De Plano De Aula

1) Tema

Nesta seção informe o tema da aula. Por exemplo:
"Buscando a Sabedoria"

2) Data e Horário

Data: dd/mm/aa

Horário: das hh:mm às hh:mm

3) Objetivos

Nesta seção enumere os objetivos da aula, ressaltando o que se espera que o aluno seja capaz de realizar utilizando os conhecimentos obtidos.

Ex.: Após esta aula o aluno deve estar apto a:

- Perceber a importância da sabedoria.
- Reconhecer que precisa encontrar e guardar a sabedoria.
- Descobrir os benefícios da sabedoria.

4) Conteúdo

Nesta seção enumere os itens e subitens que constituem o conteúdo a ser abordado.

Exemplo:

I - ENCONTRANDO A SABEDORIA

- 1) O princípio da sabedoria
- 2) Como encontrar a sabedoria

II – GUARDANDO A SABEDORIA

- 1) A sabedoria é uma dádiva de Deus
- 2) Como guardar a sabedoria

III – DESFRUTANDO DA SABEDORIA

- 1) Dádivas alcançadas
 - a) Vida
 - b) Proteção
 - c) Honra

IV – USANDO A SABEDORIA

- 1) Atos de sabedoria
 - a) Firmeza
 - b) Mudança de atitudes
 - c) Humildade
 - d) Resignação

5) Atividades

Nesta seção detalhe as atividades que serão realizadas durante a aula, mencionando os procedimentos que serão utilizados em cada atividade.

Ex. **Organizar um mural.** Disponibilizando um espaço para o aluno formular e escrever seu pensamento, uma citação, um pequeno texto etc., sobre o tema da lição.

- 1) Iniciar a aula levando a classe a uma reflexão sobre um fato ou uma história que esteja relacionada ao assunto da lição. Distribuir um texto com essa história, uma folha de papel e um lápis para cada aluno. Logo após, pedir a todos que leiam silenciosamente grifando os pontos principais e façam em seguida um comentário por escrito. Após a leitura do texto em voz alta por um membro do grupo, fazer um debate em torno do assunto. A atividade será realizada em 15 minutos, no máximo.
- 2) Após a discussão fazer uma síntese dos pontos principais da lição.

6. Avaliação

Nesta seção descreva o(s) instrumento(s) de avaliação de aprendizagem que será(ão) utilizado(s) na aula.

Ex.: Será realizada após observar a coerência entre as respostas dadas no exercício e o que foi discutido em sala de aula; E a participação nas atividades propostas e os objetivos operacionais.

7. Material de Apoio

Nesta seção relacione todo o material que servirá de apoio à preparação e à execução da aula, incluindo software, apostilas, endereços na Internet etc.

Ex.: Livro didático, cartolina, lápis de cor, lápis, borracha, caderno, cola, figuras para ilustrar o cartaz e outros.

8. Referência

Nesta seção relacione as fontes de pesquisas para a preparação da aula.

Ex.: Bíblia, Dicionário Bíblico, John Davis. JUERP, 1985.

ATIVIDADES – LIÇÃO IV

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ O professor deve iniciar a preparação das suas aulas com bastante antecedência, evitando a pressa e a imperfeição do seu trabalho.
- 2) ☐ Para ensinar o professor não precisa apenas ter vocação, mas, também, ter preparo, ou seja, ter habilidade para ensinar.
- 3) ☐ Traduzida, a palavra “*datilos*”, significa “hábil para ensinar.”

- 4) ☐ Um aspecto fundamental na preparação da aula é a leitura sistemática e a compreensão do assunto que será estudado.
- 5) ☐ O conhecimento superficial do assunto que será abordado já é suficiente para a eficiência do trabalho de um professor.
- 6) ☐ O melhor recurso para ampliação do vocabulário é, sem dúvida, a leitura.

Lição V

Recursos Audiovisuais e Técnicas Para o Ensino

RECURSOS AUDIOVISUAIS E TÉCNICAS PARA O ENSINO

I – O USO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS PARA O ENSINO

A) RECURSOS AUDIOVISUAIS DIDÁTICOS

“É todo e qualquer recurso utilizado no contexto de um procedimento de ensino visando estimular o aluno e objetivando o aprimoramento do processo ensino-aprendizagem”.¹

As tecnologias de ensino, especialmente os audiovisuais, são extremamente indispensáveis para a eficácia do ensino. O professor precisa ter consciência que o uso de recursos audiovisuais ajuda no processo da aprendizagem.

De acordo com estudos científicos a aprendizagem ocorre através dos nossos cinco sentidos, sendo que a visão é o meio mais importante nesse processo.

¹ www.febnet.org.br/file/12/781.ppt

PILLITI apud TELLES (2002)¹ apresenta os seguintes dados:

83% do que aprendemos ocorre através da visão;

11% pela audição;

3,5% pelo olfato;

1,5% através do tato;

1% através do paladar.

Retemos 10% do que lemos, 20% do que ouvimos e 30% do que vemos.

Retemos 50% do que vemos e executamos, 70% do que ouvimos e logo abordamos e 90% do que ouvimos e logo realizamos. O aluno precisa ser estimulado a pôr em prática aquilo que aprendeu.

A utilização de recursos didáticos requer do professor preparação e domínio do conteúdo que será aplicado. Uma técnica não pode ser escolhida aleatoriamente, mas com critérios.

1) LISTA DE RECURSOS DIDÁTICOS MAIS USADOS

Há uma infinidade de recursos que podem ser usados nas salas da EBD. Apresentamos abaixo uma lista de alguns desses recursos que são mais usados nas escolas e que podem ser utilizados nas salas da EBD:

¹ TELLES, Marcelo de Queiroz. Vivências integradas com o meio ambiente. São Paulo: Sá Editora, 2002.

Computador	Televisão	Projektor de slides
Data show (Projektor multimídia)	Aparelho de DVD	Coleções infantis
Transparências	1 tela de projeção	Livros
Gravador	Quadro de pregas	Mapas
Álbum seriado	Letreiros	Filmes
Gravuras	Revistas	Gráficos
Textos	Desenhos	Varal didático
Lousas	Jornais	Cartazes
Flanelógrafo e cavalete	Histórias em quadrinhos	Ilustrações
Mural didático	Aparelho de som pequeno	Quadro de feltro ou cortiça para afixar trabalhos, calendários etc.
Quadro branco (com pincel)	Retroprojektor	Aparelho de DVD
Além de lápis de cera, tesouras (sem ponta), fitas adesivas, colas, tintas guache, cartolinas, papel cartão, papel crepom, papel laminado, materiais de sucata, recicláveis (caixinhas vazias, latas etc.) entre outros.		

2) COMO CRIAR RECURSOS DIDÁTICOS PARA EBD

Muitos dos recursos apresentados acima podem ser criados pelo próprio professor. A criatividade faz a grande

diferença. Selecionamos alguns desses recursos e mostramos o passo a passo como eles podem ser construídos.

ÁLBUM SERIADO



(Trabalho realizado pelos(as) professores(as) da EBD da IEAD – Indaiatuba/SP)

O álbum seriado é um interessante recurso visual composto de ilustrações e textos. É um instrumento atrativo para o aluno de baixo custo para o professor que pode ser usado como elemento auxiliar nas aulas da EBD.

Um álbum pode conter ilustrações, figuras, gráficos, cronogramas etc. ou qualquer material que sirva para enriquecer a aula.

O tamanho ideal é de 50 x 70 cm. As letras devem ser grandes sendo destacados os títulos dos subtítulos. O texto deve ser escrito de forma simples e acessível ao aluno. Também deve ser evitado excesso de informações numa única página.

Para construir um álbum pegue um bloco de 'flip shart' ou junte algumas folhas de cartolina e cole sua extremidade superior, formando um caderno. Pegue uma folha de papel de cor diferente com uma largura de aproximadamente 10 cm e cole na extremidade de um lado a outro, formando uma borda. Na primeira folha escreva o tema que será abordado. Nas páginas seguintes divida o assunto em tópicos e ilustre com desenhos e figuras.

-  Coloque o álbum num cavalete ou tripé, vá passando as folhas à medida que desenvolve o assunto. Dê oportunidade ao aluno para ler e comentar o que está escrito no álbum.



MURAL DE RECADOS

O professor deverá construir um sistema de mural de recados multi-usuários. Deverá ser exposto nesse mural, assuntos inerentes a classe oriundos da direção ou secretaria da escola, bem como de assuntos da lição bíblica, ou da representação de alunos. O mural também pode ser feito on-line.

O professor se encarregará da organização das informações.



MURAL LIVRE

O professor deverá disponibilizar um espaço para o aluno formular e escrever seu pensamento, uma citação, um pequeno texto, etc. sobre um assunto de seu interesse, e mostrá-lo. O mural também pode ser feito on-line.

O professor se encarregará da organização das informações.

FLANELÓGRAFO



(Trabalho realizado pelos (as) professores (as) da EBD da IEAD – Indaiatuba/SP)

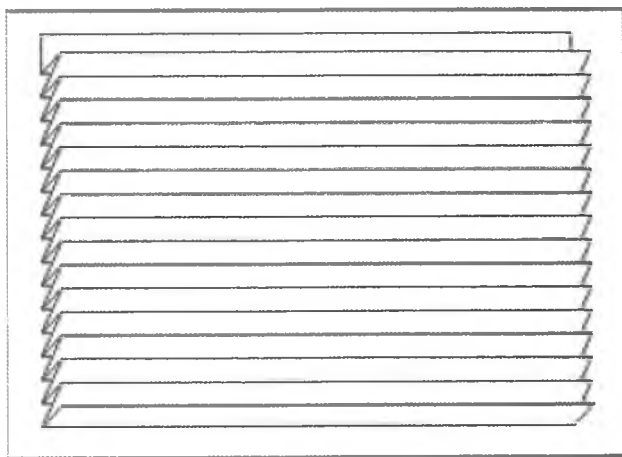
O Flanelógrafo é um recurso didático muito útil. Excelente para contar histórias com gravuras. É um instrumento atrativo para o aluno, de baixo custo para o professor e que pode ser usado como elemento auxiliar nas aulas da EBD.

Um flanelógrafo pode ser feito de uma maneira muito simples. Pegue uma folha de isopor com uma espessura de pelo menos 2 cm e revista com flanela ou feltro de cor escura para que as figuras se sobressaíam. Para que haja aderência

das figuras no feltro, cole pedaços de lixa na parte posterior de cada figura.

QUADRO DE PREGAS

O quadro de pregas é um recurso visual excelente, pouco dispendioso para o professor, atrativo para o aluno e de fácil confecção. É usado como suporte de informações, apresentando-as de maneira progressiva e dinâmica.



Para montar um quadro de pregas pegue uma folha de papel cartão ou uma superfície de madeira de 120 cm de largura e 90 cm de altura. Pegue em seguida uma folha de papel pardo com as dimensões de 120 cm de largura por 216 cm de altura, e de oito régua de madeira, cortadas nas dimensões pretendidas, com 2 cm de largura e 0,5 cm de espessura, e pregos finos com 9 mm de comprimento.

Marque em seguida com uma régua as zonas de dobragem (4 cm + 2 cm a fim de obterem-se as pregas). Em seguida dobre o papel fazendo pregas, depois prenda as pregas na extremidade usando um grampeador. Junte a folha com pregas à superfície de madeira ou ao papel cartão. Ao concluir, faça com as régua uma moldura dupla de madeira, de maneira que as pregas fiquem seguras nas extremidades, presas entre as régua e com toda a superfície devidamente esticada.

CARTAZ



(Trabalho realizado pelos (as) professores (as) da EBD da IEAD – Indaiatuba/SP) OBS: algumas figuras ainda vão ser tratadas no programa...

O cartaz é um meio de comunicação simples que tem por objetivo informar e motivar o aluno. Ele deve conter um único tema, ser colorido, preferencialmente com figuras e conter no máximo 20 palavras. As letras precisam ser destacadas feitas à mão ou extraídas de jornais ou revistas.

O estilo deve ser simples e legível. Evitar vários tipos de letras e usar o tamanho proporcional à distância da qual o cartaz será lido.

Use o cartaz para trazer alguma informação à classe, como datas comemorativas ou para ilustrar fatos da lição que está sendo estudada.

LAPBOOK



(Trabalho realizado pelos (as) professores (as) da EBD da IEAD – Indaiatuba/SP)

O Lapbook – livro de colo – é um portfólio¹ que fornece um espaço interativo para desenhos, histórias, gráficos, cronologias, diagramas e trabalhos escritos, formado por

1 O Portfólio é uma coleção de todo o trabalho em andamento na organização relacionado com o alcance dos objetivos do negócio. Toda organização tem um portfólio, mesmo que não reconheça especificamente.

pastas contendo mini-livros com desenhos, figuras ou outras atividades. É uma ferramenta pedagógica ideal para ser aplicado pelo Departamento Infantil da EBD. São feitos de pastas de papéis de arquivo, cartolina, etc.

Não existe uma forma única ou padrão para a criação de um Lapbook. Cada um é feito de acordo com o assunto a ser explorado e a imaginação do professor. Usa-se dobraduras, desenhos, figuras e textos que ajudarão a criança a assimilar o conteúdo que pretende ser ensinado de uma forma divertida.

O professor pode envolver os alunos na criação do Lapbook, estimulando-os a criar o seu próprio livro dentro do tema proposto.

Para criar um Lapbook, escolha primeiro um tema. Exemplo: A história da criação, a história de José, Moisés, Davi, Daniel, etc., vida de Jesus, e outros. Em seguida separe figuras e textos sobre o assunto. Escolha a seguir a base para o livro. (criação exclusiva). Logo após, escolha quando, onde e como vão estudar o tema. Enquanto o processo do estudo for avançando, vá pinçando assuntos relevantes e com criatividade, vá montando o livro.



TRABALHO COM FANTOCHES:

O uso do fantoche¹ é um recurso que atrai muito a atenção das crianças para as histórias, facilitando o aprendizado.

¹ Disponível em:
<http://professoroesnaebd.blogspot.com/2007/11/encenao-com-fantoches.html>

Fantoches são bonecos feitos de pano, sacos de papel e outros materiais, os quais ganham voz e ação quando são manuseados pelas pessoas.

O uso do fantoche não deve substituir o ensino bíblico direto, mas deve servir apenas para reforçar ou fixar a idéia que foi explanada na lição principal.

Apesar de os bonecos fascinarem a criança, ou de ela se identificar com o personagem, ela sabe que eles não são de verdade, não possuem vida e não passam de fantasia; por isto, não os leve a fazer algo que somente pessoas podem fazer como, por exemplo, **orar, dar glória a Deus, fazer apelo etc.**

O fantoche serve para divertir, ajuda a prender a atenção, ensinar um corinho, desenvolver a imaginação.

ALGUMAS ORIENTAÇÕES PARA MANUSEAR FANTOCHES:¹

- a) O boneco deve aparecer pouco a pouco no palco, como se estivesse subindo escadas. Ao sair, proceder de modo inverso;
- b) Cada boneco deve ter um nome, e não deve representar vários personagens, para que seja reconhecido pelas crianças sempre que entrar em cena;
- c) Não permita que a pessoa que maneja o fantoche seja vista e nem que os bonecos apareçam após a apresentação, para que as crianças não percam o interesse e a curiosidade;

¹ Texto adaptado de: www.igrejadonazarenobrasil.org/medlinkensinoboneco.html

- d)** Fale sempre movendo a mandíbula e não a parte superior da boca do fantoche;
- e)** O boneco deve sempre olhar para a pessoa ou para o boneco com quem está falando, ou para o objeto a que se dirige;
- f)** Cuidado para não deixar seu fantoche de boca aberta ou imóvel enquanto outro boneco estiver falando;
- g)** Faça as imitações necessárias daquilo que está representando, por exemplo: brinque, dê gargalhadas, mova-se rapidamente, cheire, beije, mova-se lentamente, etc.; ou seja, procure captar o que melhor representem cada papel em particular.

VEJAMOS ALGUMAS DICAS:

Crie histórias com textos pequenos, ações rápidas, diálogos curtos que envolvam poucos personagens em cena para obter sucesso com este recurso.

Use a criatividade e a imaginação para confeccionar os fantoches, ou se tiver condição compre bonecos já prontos nas lojas evangélicas. Confeccione-os de acordo com cada faixa etária. Use materiais como: papéis, pedaços de tecidos, madeira, luvas, material reciclável (sucatas) etc.

Crie um cenário ou um palco para a ação que pode ser feito de caixa grande de papelão ou madeira.

PARA UM FANTOCHE BEM SIMPLES: utilize pedaços de tecido diferentes, de várias cores e tamanhos, tiras de lã para o cabelo, uma meia branca recheada de tecido para fazer a cabeça, botões grandes para decorar a roupa feminina e um pedacinho de tecido cortado em forma de gravata para decorar a roupinha masculina, lápis marcadores ou pedaços de papéis e cola para decorar a carinha com desenhos de boca, olhos etc., um pedaço de madeira com cerca de 20 cm e da espessura de um dedo para fixar a cabeça do fantoche e depois cobrir com um roupão para não ficar a mostra e facilitar o manuseio. O manejador deve segurar no pedaço de madeira de modo que a sua mão fique coberta com o roupão do boneco.



(Modelo de Cenário para fantoche. Trabalho realizado pelos(as) professores(as) da EBD da IEAD – Indaiatuba/SP)

II - TÉCNICAS DE ENSINO

Como já vimos, a técnica é a prática ou operacionalização do método. É o como fazer algo. É fundamental a aplicação de métodos e técnicas adequadas, que despertem a atenção do aluno.

A) O USO DAS TÉCNICAS DE ENSINO E A CRIATIVIDADE

A criatividade do professor é imprescindível para tornar a aula mais atrativa, principalmente quando o assunto é bastante denso.

O professor ao planejar técnicas de ensino, deve estabelecer os objetivos que se pretende alcançar. As técnicas servem apenas como meio para facilitar a compreensão e a assimilação daquilo que se pretende ensinar.

O uso de recursos técnicos, sem dúvida, desperta o interesse do aluno. Torna o ato de aprender algo estimulante agradável e criativo.

1) A CRIATIVIDADE NA ESCOLA

Na educação formal, o processo de aprendizagem estimula muito pouco a criatividade. O processo criativo existe e deve funcionar em todas as áreas do conhecimento humano. Todos podem criar, mesmo que o nível de criatividade seja limitado. Uma prática pedagógica com sucesso não é possível se não fizermos uso da criatividade.

Numa pesquisa¹ que realizada sobre criatividade com diretores, supervisores, coordenadores e orientadores educacionais da rede municipal de educação de uma cidade do interior paulista, constatou-se que todos, independentemente da função exercida, veem criatividade como algo em construção ou como a busca na solução de problemas. Todos concordam que as pessoas podem ser estimuladas ou bloqueadas quanto ao desenvolvimento da criatividade. Porém, a maioria dos entrevistados acreditava que o professor deixa, muitas vezes, inconscientemente, de trabalhar e estimular a criatividade devido a sua ansiedade de expor todo o conteúdo sem levar em conta o processo da aprendizagem.

O professor não deve esquecer que é um gestor de situações educacionais e precisa criar as condições necessárias para que o aluno aprenda.

2) FUNÇÕES DA MENTE NO PROCESSO CRIATIVO

A criatividade é vista sobre diferentes ângulos. Vários aspectos são discutidos e estudados como: o processo criativo, características das pessoas criativas, o desenvolvimento da criatividade, fatores que inibem a criatividade e assim sucessivamente. Um dos aspectos importantes que merece uma atenção específica é o estudo das funções da mente no processo criativo.

¹ Pesquisa realizada pelo autor: Jamiel de Oliveira Lopes, com educadores da SEME (Secretaria Municipal de Educação em Indaiatuba, SP em 2003.

Duailibi e Simonsen (1990) fazem a seguinte descrição sobre o funcionamento mental em relação ao desenvolvimento da criatividade.

“Nossa mente absorve, através da aplicação da atenção; retém, através da memória; cria, visualizando, prevendo (‘foresight’) e gerando idéias; e julga, analisando, comparando e escolhendo”.

Os autores ressaltam que toda educação formal dá ênfase a três funções mecânicas da mente humana: a absorção, a retenção e o julgamento. Segundo eles nosso modelo de educação é fundamentalmente bloqueante. Quando usamos a absorção, a retenção e o julgamento, transformamos nossas mentes em instrumentos reflexivos. O pensamento criador é desinibido e subjetivo, ao passo que o pensamento reflexivo é estruturado e formalista.

Oech, (1983)¹ cita um pensamento de Albert Szent-Györgyi (prêmio Nobel de medicina) *“Descobrir consiste em olhar para o que todo mundo está vendo e pensar uma coisa diferente”* e afirma que se quisermos ser mais criativos precisamos olhar o que os outros veem e pensar de forma diferente.

3) BARREIRA AO DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE

De acordo com as experiências de Wallas (1986)², o obstáculo maior para o desenvolvimento da criatividade

¹ OECH, Roger Von. Um “Toc” na Cuca, Livraria Cultura Editora, São Paulo, 1983.

² Graham Wallas, pedagogo, psicólogo socialista Inglês, em sua obra: A Arte de Pensamento, publicada em 1926, apresentou um dos primeiros modelos do processo criativo.

reside no fato de a pessoa, utilizar duas das funções de sua mente ao mesmo tempo, isto é, criar e julgar, quando esta se encontra diante de um problema e é obrigada a apresentar idéias. Segundo ele a pessoa quando está criando julga a idéia e isso acaba servindo como freio para novas associações e maior número de idéias.

4) O ESTÍMULO À CRIATIVIDADE

Nossa educação tenta desenvolver apenas as funções absorção retenção e julgamento. Portanto se faz necessário o estímulo à criatividade. Dualibi e Simonsen (1990) afirmam que tanto na arte quanto na ciência, é da quantidade que se extrai a qualidade.

Quanto maior o número de idéias colocadas ao nosso dispor, maiores as chances de encontrarmos aquela que realmente representará a solução do problema.

Podemos usar os recursos técnicos para o desenvolvimento da criatividade na sala de aula da EBD. Essa visão poderá ser compartilhada com os professores que lidam mais diretamente com o aluno. O projeto Pedagógico deve ser trabalhado de uma forma mais prática e vivencial levando o professor a refletir sobre o seu papel enquanto educador.

Segue abaixo alguns exemplos de técnicas que podem ser aplicadas nas salas da EBD para ajudar na dinamização do ensino.

5) EXEMPLO DE TÉCNICAS EDUCATIVAS

TÉCNICA DE PAINEL

A técnica de painel se caracteriza por uma discussão informal feita por pequeno grupo de pessoas perante um grupo maior. A técnica de painel é muito parecida com um simpósio. A diferença básica entre essas técnicas é: O simpósio se caracteriza por uma apresentação de um tema, enquanto que o painel, por uma discussão informal de um tema.

O painel é formado por:

-  **Um moderador** – O moderador tem a função de coordenar a discussão.
-  **Dois ou três painelista** – Os painelistas têm a função de expor o assunto que será discutido, durante no máximo 10 minutos, cada.
-  **Público** – Demais pessoas presentes que participarão da discussão encaminhando suas perguntas à mesa.

Após a exposição dos painelistas o moderador abre as discussões. Quando o grupo é muito grande, as perguntas podem ser escritas e encaminhadas à mesa. Num grupo pequeno as perguntas podem ser feitas verbalmente.

Veja as vantagens apresentadas por J. C. Marques¹ quando se realiza um painel.

¹ MARQUES, J.C. Paradigma para a análise do ensino. Globo, 1977.

-  A técnica de painel auxilia o grupo a enfrentar um assunto muito controvertido (polêmico).
-  Os participantes expõem e focalizam pontos de vista, fatos e atitudes diferentes sobre um assunto envolvendo o grupo na busca de soluções.
-  O método é útil quando a heterogeneidade é tal que se torna aconselhável à apresentação de diferentes pontos de vista e de fatos relativos ao assunto.

Escolha dois ou três alunos, pelo menos uma semana antes, para ser um painalista. As pessoas escolhidas devem se preparar durante a semana para fazer uma exposição da lição durante um período de 10 minutos.

Organize a sala, de forma que os painalista e o moderador (professor) fiquem sentados de frente para a classe.

Faça no final, um resumo do assunto estudado, destacando os pontos principais, dirimindo possíveis dúvidas que surgiram no decorrer da discussão.

PAINEL COM INTERROGADORES

O painel com interrogadores é um método pelo qual um ou mais peritos ('experts') são interrogados por participantes do painel. Uma das diferenças básicas entre a Técnica de painel e o Painel com Interrogadores é que neste último as perguntas são previamente selecionadas, feitas por interrogadores escolhidos pelo professor ou membros das equipes.

O painel é formado dos seguintes membros:

-  **Um moderador** – O moderador tem a função de coordenar a discussão.
-  **Um ou mais peritos** – Os peritos têm a função de responder às questões expostas pelos interrogadores.
-  **Interrogadores** – Num trabalho em classe, cada equipe poderá escolher uma pessoa para representá-la na mesa como interrogador. Os interrogadores têm a função de fazer as perguntas aos peritos.
-  **Público** – Demais pessoas presentes que participarão da discussão.

O painel funcionará da seguinte forma:

O moderador fará uma apresentação ao grupo, dos membros do painel – peritos e interrogadores. Em seguida fará um relato da técnica a ser utilizada, além de um breve comentário da matéria a ser debatida.

Logo após, franqueará a oportunidade ao primeiro participante para iniciar a interrogação. Cada participante dirigirá uma pergunta ao(s) perito(s), que tem 5 minutos para responder.

Após cada resposta, o moderador se dirige ao auditório e pergunta se alguém tem dúvida sobre o assunto abordado, fraqueando a oportunidade para perguntas e dando, em seguida, prosseguimento à técnica. O painel com interrogadores poderá ser realizado só com alunos. O professor selecionará quatro alunos que estudarão um determinado assunto para serem os peritos interrogados.

SEMINÁRIO

O seminário é uma das atividades mais utilizadas na escola, principalmente no meio universitário. Foge ao comum das aulas expositivas e enseja aos alunos a oportunidade de investigação e pesquisa, favorecendo o trabalho autônomo.

Os alunos aprendem a procurar por si próprios, soluções e confrontá-las com as dos colegas. Desenvolve o trabalho cooperativo, na colaboração do grupo. O trabalho de seminários só traz vantagens para o ensino quando obedece a três princípios básicos:

- ✓ Um seminário precisa ser bem **planejado**
- ✓ Um seminário precisa ser bem **preparado**
- ✓ Um seminário precisa ser bem **orientado**

A técnica de seminário inclui três momentos principais:

-  **Preparação** – Momento em que os assuntos são escolhidos, realizando pesquisas, levantamentos, leituras, entrevistas etc.
-  **Desenvolvimento** – Realização do seminário propriamente dito. O desenvolvimento do seminário envolve: apresentação do tema, discussão, resumo e avaliação.
-  **Relatório** – Momento em que se apresentam as conclusões dos participantes do seminário.

O seminário desenvolve-se do seguinte modo: o coordenador apresenta ao grupo sugestões iniciais para o trabalho, propõe a divisão do grupo em equipes, determinando um cronograma de trabalho.

As equipes reúnem-se, escolhem o assunto, traçam as tarefas, distribuem-nas entre os seminaristas e retiram-se para um local sossegado, onde passam a debater o tema proposto ou a pesquisá-lo. Cada equipe deve ter um coordenador, um secretário e um relator. O secretário anota as conclusões parciais e finais e o relator leva as conclusões à assembléia.

Esta atividade é concluída com a apresentação das equipes, as quais podem livremente adotar técnicas como painel, simpósio, encenação etc.

DEBATE

Para a realização de um debate siga as seguintes instruções:

Divida o grupo em equipes de no máximo cinco pessoas. Em seguida distribua um texto que deverá ser estudado e discutido pela equipe durante trinta minutos. Cada equipe deverá elaborar cinco perguntas, durante dez minutos. Haverá um debate entre as equipes que obedecerá a algumas normas, conforme exposição na folha de instrução.

Vence a equipe que fizer o maior número de pontos.

INSTRUÇÕES PARA O DEBATE

- 1) Será efetuado um sorteio para escolher as equipes que iniciarão o debate.
- 2) A equipe indicada fará a pergunta seguinte, sendo sorteada apenas a equipe que responderá.

- 3) As perguntas serão lidas pelo professor, obedecendo à ordem numérica.
 - 4) Cada resposta correta terá o valor de dez pontos.
 - 5) A equipe interrogada terá o máximo de três minutos para responder a pergunta.
 - 6) Qualquer membro da equipe poderá dar a resposta.
 - 7) Os pontos relativos à pergunta não respondida ou respondida de forma errada serão válidos para a equipe que formulou a pergunta.
 - 8) As respostas mais ou menos certas serão válidas, contando apenas a metade dos pontos. A outra metade será para a equipe que lançou a pergunta.
 - 9) A pergunta mal elaborada será anulada, não podendo ser substituída.
 - 10) O professor terá poderes para considerar, válidas ou não, as perguntas e respostas das equipes.
 - 11) O professor, após a resposta da equipe interrogada, franqueará a oportunidade para réplica à equipe que fez a pergunta.
 - 12) Nenhuma equipe poderá intervir no debate. Havendo interferência, a equipe interferente perderá um ponto após o 1º alerta; dois pontos no 2º alerta, e assim sucessivamente.
 - 13) O facilitador, depois da réplica, dará a última forma.
 - 14) Depois do julgamento, não haverá mais comentários, partindo-se para a próxima pergunta.
-

Obs.: O professor deverá passar essas informações por escrito para as equipes.

CÍRCULO DE ESTUDO

O círculo de estudos visa atender a princípios de aprendizagem, de socialização e de trabalho individual. A atividade inicia-se com o estudo individual de um texto, de um assunto, de um problema ou de um exercício que tenha sido proposto. Em seguida formam-se duplas, discutem-se as dúvidas e tiram-se as conclusões. Logo após, formam-se grupos de quatro pessoas que repetem a atividade da etapa anterior, até chegar-se à assembléia, com a reunião de todos os grupos.

A atividade, que dura em média 110 minutos, é distribuída da seguinte forma:

-  Estudo individual: 20 minutos
-  Discussão em duplas: 20 minutos
-  Discussão em grupos de 4 pessoas: 20 minutos
-  Discussão em grupos de 8 pessoas: 20 minutos
-  Debate – reunião de todos os grupos: 30 minutos

Cada grupo deverá possuir um relator, que fará a apresentação dos pontos principais do assunto estudado.

DISCUSSÃO CIRCULAR

A Discussão Circular visa desenvolver o raciocínio verbal, o pensamento lógico e a preparação oral de dissertação do aluno.

Um tema é oferecido ao grupo, que passa a discuti-lo através da chamada discussão circular. Um componente começa a exposição. No momento oportuno, o professor interrompe a exposição e pede que outro aluno continue do ponto onde o colega parou e assim sucessivamente.

A indicação dos elementos que continuam a exposição, não deve seguir ordem alguma, nem de lugar, nem alfabética, nem outra qualquer.

Para concluir pode ser feita uma avaliação do trabalho.



ESTUDO EM GRUPO

O Estudo em grupo é uma atividade que visa proporcionar ao aluno a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, além de ajudar no desenvolvimento interpessoal do grupo.

A atividade divide-se em quatro etapas: na primeira etapa são formadas equipes de no máximo oito pessoas. Trabalhe a relação interpessoal do grupo. Veja como formar equipes, sem criar “panelinhas” ou subgrupos. Recorte figuras em três, quatro ou mais partes, de acordo com o número de alunos da sua sala. Misture os pedaços, em seguida peça para cada aluno pegar uma parte e tentar formar a figura com os colegas. À medida que as figuras forem sendo formadas, as equipes estarão prontas.

EXEMPLO:

Se sua classe é formada de 12 alunos, recorte três figuras em quatro partes. Se for formada de 15, recorte três

figuras em cinco partes e assim sucessivamente. Porém, se o número de alunos não for exato, recorte as figuras de acordo com o número de alunos.

Na segunda etapa, distribua um texto que deverá ser estudado e discutido pela equipe durante trinta minutos.

Na terceira etapa, distribua entre as equipes alguns temas contidos no texto. As equipes reúnem-se e estudam o assunto destacando os pontos principais.

Na quarta etapa, após a discussão nas equipes, os temas serão apresentados de acordo com a criatividade do grupo.

No final, apresente os pontos principais do texto.



CONFERÊNCIA

Uma Conferência tem por objetivo apresentar uma informação de maneira estruturada, para identificar e esclarecer problemas ou soluções; apresentar a análise de um resultado controvertido; encorajar um estudo ou uma pesquisa posterior.

Para a realização de uma conferência, algumas pessoas qualificadas farão a exposição de um assunto de maneira ordenada e sistemática, dirimindo dúvidas, identificando e esclarecendo problemas e podendo, inclusive, apresentar a análise de um resultado controvertido.

Não existe a possibilidade de que o auditório participe verbalmente. O efeito da exposição sobre o auditório não pode, praticamente, ser avaliado. No entanto, um

conferencista talentoso pode estimular e motivar os presentes a participar de um estudo em pesquisa posterior.

SIMPÓSIO

O Simpósio é uma atividade que tem por objetivo apresentar, em diferentes ângulos o que pensam especialistas a respeito de um determinado assunto.

Por exemplo: Um simpósio sobre Orientação Vocacional debatido por profissionais como psicólogos, psicopedagogos, pedagogos etc., visando o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Um simpósio é realizado pelos seguintes membros: coordenador, simposistas, equipe de síntese e público.

O coordenador passará ao público informações sobre o funcionamento do simpósio e coordenará o desenvolvimento das atividades de acordo com as regras preestabelecidas.

Os simposistas irão expor seu ponto de vista de modo claro e conciso. A exposição de cada um deles não deve ultrapassar 15 minutos. Cabe aos membros responder às perguntas que lhe forem dirigidas.

O ideal é que os simposistas sejam pessoas especializadas. Para falar sobre AIDS, por exemplo, deve-se convidar médicos, psicólogos, assistentes sociais, etc.

A equipe de síntese deve ser formada por duas ou três pessoas que não participam da discussão, ficando encarregadas da síntese dos debates e conclusões, além da sua exposição em plenário.

O público, nesse caso específico, deve ser formado por alunos e pessoas convidadas. Os temas podem ser escolhidos por eles.

A atividade encerra-se com a exposição da conclusão elaborada pela equipe de síntese.

FÓRUM

O Fórum é uma atividade que visa promover o debate de um tema ou problema determinado, geralmente após uma palestra, uma apresentação teatral, a projeção de um filme ou uma atividade de grupo.

O fórum é formado de:

-  **1 moderador** – aquele que coordena os trabalhos;
-  **3 Expositores** – aqueles que apresentam o tema ou problema que será debatido;
-  **Grupo de síntese** – grupo formado de no máximo 3 pessoas que têm a incumbência de apresentar um relatório final.

O professor poderá ocupar o cargo de moderador ou indicar uma pessoa do próprio grupo. Determinar o grupo de síntese e escolher um relator. Cabe ao moderador controlar a participação e saber manejar um auditório, para que cada expositor, em no máximo 15 minutos, usando linguagem clara e objetiva e não fugindo do tema, centralize as discussões no problema proposto. O grupo de síntese fará um resumo, podendo inclusive escrever na lousa os assuntos que forem debatidos.

A conclusão deverá ser feita com uma exposição da síntese do relator.

TROCANDO CONHECIMENTO

Este trabalho, só poderá ser realizado, se sua classe for formada de exatamente, 15 (quinze), ou 16 (dezesesseis), ou 20 (vinte), ou 25 (vinte cinco), ou 30 (trinta) alunos. A divisão se dará da seguinte forma:

-  Classe com 15 alunos – 3 equipes de 5 pessoas
-  Classe com 16 alunos – 4 equipes de 4 pessoas
-  Classe com 20 alunos – 4 equipes de 5 pessoas ou 5 equipes de 4 pessoas
-  Classe com 25 alunos – 5 equipes de 5 pessoas
-  Classe com 30 alunos – 5 equipes de 6 pessoas ou 6 equipes de 5 pessoas

Conte quantos alunos tem a sua classe. Divida o grupo em equipes de acordo com o número de alunos da sua classe, conforme apresentação acima.

Entregue a cada aluno um número que varia de acordo com a quantidade de membros da equipe. Por exemplo: se a equipe é formada de 4 pessoas, os números variarão de 1 a 4. As equipes serão diferenciadas por letras (equipes A, B, C e D, etc.).

Cada equipe receberá um tema ou um texto para discussão durante cerca de 30 minutos. Após esse tempo, as equipes serão desfeitas e cada componente irá procurar os

colegas que estiverem com o número correspondente ao seu, formando novas equipes assim constituídas: equipe dos números 1, equipe dos números 2, equipe dos números 3, e assim, sucessivamente. Como se observa, as novas equipes possuem todos os temas que foram abordados na etapa anterior. Cada pessoa apresentará, durante 5 minutos, uma súmula do assunto abordado na sua equipe anterior.

A atividade encerra-se com uma discussão geral.

TÉCNICA DE DRAMATIZAÇÃO

A Técnica de Dramatização visa por em prática o processo de aprendizagem, oportunizando a vivência das situações-problema.

A dramatização nada mais é do que uma teatralização de um problema ou situação. A dramatização se constitui numa breve representação. Esta técnica leva o grupo a aprender fazendo.

Numa dramatização temos um dinamizador, os protagonistas e a platéia. O dinamizador é um elemento do próprio grupo que vai dirigir a cena. Os protagonistas, aqueles que apresentarão a peça e a platéia os demais que observarão a apresentação. Veja que numa encenação toda a classe é envolvida.

A técnica de dramatização prova a informalidade e a flexibilidade do grupo, além de facilitar a experimentação. É uma técnica útil para a educação, comunicação, estimulação e avaliação do grupo.

O tema poderá ser escolhido pelas equipes. O professor também poderá sugerir alguns temas. Explore ao máximo, a criatividade do grupo.

Após as apresentações, o grupo fará uma discussão em torno do assunto.

MESA REDONDA

A Mesa Redonda é uma atividade que visa dar ao aluno oportunidade para confrontar conhecimentos, difundir assuntos novos, ampliar ou aprofundar temas de discussão.

A mesa é formada pelos seguintes elementos:

- 1) 1 coordenador que estabelecerá a ordem da exposição e coordenará o desenvolvimento dos debates;
- 2) 4 expositores que terão no máximo 15 minutos para a exposição do tema proposto;
- 3) A equipe de síntese, formada por no máximo 3 pessoas, que fará um apanhado geral da discussão;

Esta dinâmica é dividida em quatro etapas:

- 1ª ETAPA** - Reunião prévia para estabelecimento de normas entre o coordenador, os expositores e a equipe de síntese.
 - 2ª ETAPA** - Exposição do tema (debate).
 - 3ª ETAPA** - Síntese.
 - 4ª ETAPA** - Respostas a perguntas do auditório.
-

Para esta técnica, o professor poderá convidar pessoas especializadas em determinado assunto, e debater pontos de vista divergentes ou contraditórios sobre um tema. Poderá também realizá-la entre alunos, formando equipes e pedindo que eles estudem determinados assuntos.

A atividade é concluída após a etapa de perguntas e respostas.

TÉCNICA PHILIPS 6,6

A Técnica Philips 6,6 visa prover uma troca de conhecimento, além de ajudar no desenvolvimento interpessoal do grupo.

Esta técnica foi idealizada e difundida por J. Donald Philips, da Universidade Estadual de Michigan, E.U.A. É uma técnica de fracionamento de grupos. Um grande grupo é fracionado em pequenos grupos de seis pessoas, que durante seis minutos discutem simultaneamente o mesmo tema.

Será escolhido dentre os alunos um líder que terá a seguinte função:

- 1) orientar o grupo sobre o procedimento da técnica;
- 2) Prestar esclarecimentos quando se fizer necessário; e,
- 3) Reunir e classificar os relatos dos pequenos grupos.

Cada grupo escolherá dentre os seis componentes um secretário-relator, que tem como função registrar os dados e relatar na comunicação geral. O secretário relator de cada grupo entregará o que registrou ao líder, que fará um sumário geral.

Veja as vantagens do uso da técnica Philips 6,6, apresentado por J. C. Marques:

- 1) Explora todos os recursos do grupo em relação ao assunto-problema.
- 2) Analisa um problema que pode logicamente ser dividido em partes.
- 3) Reuni rapidamente as idéias do grupo.
- 4) Obtém ou verifica a existência de consenso sobre determinado assunto.
- 5) Identifica cada membro com o grupo e seus problemas.
- 6) Estimula o raciocínio e a discussão.
- 7) Tira vantagens da heterogeneidade de um grupo.
- 8) São eficientes nas ocasiões em que queremos aumentar a base de comunicação e da participação dos elementos do grupo, aumentando o interesse, a dedicação e a identificação de cada um em relação ao grande grupo.

Para a exposição de um determinado tema o professor poderá realizar a técnica sugerida acima.

Divida a sua classe em equipes de seis pessoas. Determine um tema que durante seis minutos será discutido. Cada equipe poderá abordar o tema respondendo questões como: O que significa, o que nos leva a isto, quais os resultados e as consequências. Escolha um líder, que apresentará no final, um resumo geral do assunto discutido pelos grupos. Cada equipe escolherá um secretário-relator que apresentará ao líder o resultado da discussão do seu grupo.

A atividade é concluída após a apresentação dos resultados das equipes.



INTERCÂMBIO ACUMULATIVO

O Intercâmbio Acumulativo visa treinar as pessoas para seguir uma discussão, um processo de aprofundamento e desenvolvimento, usando o pensamento reflexivo.

A turma é dividida em grupos de 6 a 8 pessoas. Em seguida, um determinado tema ou problema é discutido em cada equipe, estabelecendo-se algumas conclusões.

Um membro da equipe é escolhido como relator para expor os resultados da discussão do grupo para outras equipes, estabelecendo um inter-relacionamento dos grupos.

As equipes prosseguirão a discussão do assunto e do relato do outro grupo a partir dos pontos já alcançados pelas outras equipes, podendo concordar, discordar, completar ou acrescentar idéias novas.

Em seguida, cada equipe apresentará, através de um representante, a síntese do trabalho, incluindo as sugestões apontadas pelas outras equipes. A apresentação poderá ser feita em plenário através de um painel, um simpósio ou outra atividade para um grupo grande.

O coordenador (professor) poderá complementar o assunto, acrescentando informações mais precisas. O grupo refletirá sobre o aproveitamento do trabalho.

JOGO DE PAPÉIS

A técnica Jogo de Papéis tem como objetivo ilustrar, cenicamente, diversos aspectos de um problema interpessoal, em vista de uma discussão posterior; ou seja, apresentar, em forma de dramatização, uma situação de maneira mais viva do que através de uma discussão ou conferência.

A dinâmica é realizada pelos seguintes membros: Um moderador, os atores e a platéia.

O moderador explicará quais são os objetivos do jogo e definirá a situação que será dramatizada para posterior discussão.

Os atores não precisam, necessariamente, ter dotes de ator; apenas representarão atitudes típicas de seu papel.

O auditório observará a encenação sem intervir, podendo, inclusive, anotar alguns itens para debate posterior.

A atividade encerra-se com um debate.

EXEMPLO DE UM CENÁRIO¹

- *Discussão de 30 minutos a respeito da participação da família na escola, entre:*
 -  *Um(a) diretor(a) de escola*
 -  *Um(a) Inspetor(a)*
 -  *Um pai de família e duas mães, membros de uma associação escolar.*

¹ Beauchamp, André et al, 1980, Como animar um grupo, S. Paulo, Edições Loyola.

- *O moderador deverá prever características pessoais precisas para cada um desses personagens, de maneira que os atores possam situar-se em seu papel. Por exemplo, um diretor de escola, homem de 45 anos, de tipo mais para tradicional no plano-pedagógico, bastante desconfiado diante do que considera uma intromissão dos pais em sua escola. E assim para cada personagem.*

Por outro lado, o objetivo do jogo de papéis deve ser simples e bem definido pelo moderador tanto quanto as circunstâncias ambientais. Por exemplo: as pessoas estão reunidas para discutir o prosseguimento a ser dado a uma resolução da associação escolar a respeito da supressão das máquinas distribuidoras de bebidas gasosas na cantina. Devem chegar a uma decisão ao término de seu tempo de discussão.

GRUPO PAC

O Grupo PAC visa auxiliar o aluno na fixação da aprendizagem.

A turma deverá ser dividida em quatro grupos: o grupo computador, o grupo exemplificador, o grupo judicioso e o GTA (Grupo de trabalho de Avaliação).

- ✓ O grupo computador tem a função de reformular conceitos, definições e informações passadas pelo professor.
- ✓ O grupo exemplificador tem a função de dar exemplos do assunto em discussão, visando o enriquecimento da matéria.

- ✓ O grupo judicioso tem a função de julgar o conceito e o exemplo dado.
- ✓ O GTA tem a função de avaliar as respostas dadas atribuindo notas ao grupo.

O professor organizará, com antecedência, as frases, os conceitos, as informações e as definições que serão encaminhadas para os grupos. Cada grupo deverá desempenhar a sua função.

Após quatro ou cinco formulações há um rodízio de grupo.

A atividade encerra-se, quando todas as equipes tiverem desempenhado as quatro funções.

TÉCNICA DE BRAINSTORMING

A Técnica de Brainstorming visa explorar, ao máximo, o potencial do grupo, desenvolvendo a criatividade e o poder de assimilação e dinamizando o processo de aprendizagem.

Esta dinâmica foi criada por Alex Osborn e é conhecida como Brainstorming. Até hoje esta técnica é bastante utilizada nos Estados Unidos, principalmente em atividade de treinamento do pessoal, em áreas de relações humanas e publicidade e propaganda.

O Brainstorming não tem a finalidade de proporcionar uma fixação de um determinado conteúdo. “O princípio no qual se apóia o Brainstorming, é o de solicitar aos participantes que apresentem idéias, as mais diversas e até mesmo descabidas, sobre um assunto qualquer colocado pelo

monitor. Sua participação, durante a apresentação dessa idéias, será a de registrá-las, independente de qualquer juízo crítico sobre sua validade, e estimular a rápida sucessão de outras mais” (Antunes, 1998).

Esta técnica pode ser aplicada quando o professor, ao expor um tema, procura conhecer a opinião do grupo, visando dinamizar o processo de aprendizagem.

Cada pessoa deve colocar o que pensa sobre o assunto, enquanto um aluno voluntário escreverá, na lousa, todas as idéias apresentadas pelo grupo.

Em seguida, será feita uma síntese das idéias, complementando-as, se for necessário, para chegar a um só conceito.

A atividade encerra-se com a exposição do conceito que foi formulado.

JÚRI PEDAGÓGICO

O Júri Pedagógico visa proporcionar uma verificação de aprendizagem, além de promover a aproximação dos membros do grupo, quebrar a monotonia na sala de aula, motivar os alunos, coordenar relacionamentos e dinâmicas.

Esta atividade é realizada pelos seguintes membros: um juiz, que pode ser o professor ou um bom aluno, os advogados, os promotores e os elementos do grupo.

O juiz comanda, homologa, rejeita, ratifica e coordena cada questão; sendo também responsável, pelo tempo de reflexão.

Os advogados fiscalizam as respostas dadas pelos elementos do grupo, endossando, confirmando ou protestando no tocante aos argumentos usados. No caso de uma resposta duvidosa, ainda cabe aos advogados discutir entre si. Os promotores são responsáveis pelos relatórios do tempo, de todas as atividades ocorridas no decorrer da sessão.

Os alunos são divididos em grupo masculino e grupo feminino; ou grupo dos números pares e grupo dos números ímpares, ou grupo dos números de 1 a 20 e grupo dos números de 21 a 40, etc.

A sala deve ser arrumada numa forma retangular, de modo que ninguém fique de costas para: o juiz, os advogados e os promotores. O ideal é que a sala possua mesas e cadeiras em vez de carteiras. As equipes ficarão dispostas uma de cada lado das mesas. As mesas serão enumeradas de maneira que o juiz, ao mencionar um aluno, dirá: “aluno X da mesa Y...”.

O juiz sentará entre os promotores e os advogados na frente de cada promotor, todos voltados para as equipes.

Esta atividade só funciona se o grupo estiver bem informado sobre o assunto e bem instruído quanto ao procedimento da mesa.

O professor indicará um exercício para ser resolvido durante, aproximadamente, 30 minutos. Terminado o tempo, o juiz indica um aluno da equipe A para responder. Após sua resposta, o advogado da equipe A dirá: “endosso”, ou seja, “concordo com a resposta”. O advogado da equipe B concordará ou protestará, dizendo: “confirmo” ou “protesto”.

A equipe A ganhará um ponto se o endosso for correto. Caso contrário, o juiz propõe uma rebatida ao plenário, que terá a oportunidade de reconsiderar a questão. O primeiro que se manifestar e corrigir o erro, seja da equipe A, seja da equipe B, ganhará para si, individualmente, cinco pontos e o seu grupo ganhará um ponto. O advogado opositor, ao protestar ao erro endossado no exemplo acima, pode indicar um componente do seu grupo para responder á questão. Se a resposta estiver certa, o grupo dele ganhará um ponto, assim como a vez de saída na próxima questão. Poderá também haver um debate entre os advogados, ao ser protestado o certo ou o errado. O que vencer, mostrando o certo, ganhará para si cinco pontos e cinco para o grupo.

Se o advogado de defesa não puder endossar a resposta de um aluno do seu grupo, devolverá a questão a outro membro do seu grupo, até poder endossar a resposta dada pelo seu cliente.

O juiz cuidará da disciplina durante o desenvolvimento da técnica. O silêncio e a disciplina são indispensáveis.

A atividade pode encerrar-se com a apresentação dos promotores.



AVALIAÇÃO

A avaliação visa auxiliar na revisão e fixação de determinado assunto.

A atividade é realizada pelos seguintes membros: coordenador (professor da classe), que organizará os

trabalhos; equipe interrogadora, que fará as perguntas; equipe de peritos (ou técnicos), que responderá às perguntas; GTA (Grupo de Trabalho de Avaliação), que avaliará os resultados dando uma nota às equipes; e público (o restante da classe).

A turma é dividida em seis grupos iguais. Solicita-se que os grupos formulem o maior número possível de perguntas e respostas da matéria X, já estudada em classe, durante, aproximadamente, 15 minutos.

Logo após são dados mais 10 minutos aos grupos para escolha, seleção e redação das perguntas. Cada grupo escolherá uma pessoa para representá-lo na equipe interrogadora, outra para a equipe de peritos (ou técnicos) e outra para o GTA, de forma que haja um representante de cada equipe nos três grupos.

Cada representante irá à frente com as questões que deverão ser respondidas (em média 10, 2 por equipe).

Fará as perguntas aos representantes das outras equipes, conforme demonstração abaixo:

1ª PERGUNTA		2ª PERGUNTA	
Interrogador	Perito	Interrogador	Perito
A	B	A	C
B	C	B	D
C	D	C	E
D	E	D	F
E	F	E	A
F	A	F	B

3ª PERGUNTA		4ª PERGUNTA	
A	D	A	E
B	E	B	F
C	F	C	A
D	A	D	B
E	B	E	C
F	C	F	D

5ª PERGUNTA	
A	F
B	A
C	B
D	C
E	D
F	E

Para as perguntas de 6 a 10, obedece-se à mesma sequência. Cada resposta certa vale 1 ponto. As perguntas só deverão ser respondidas pelos peritos. O GTA avaliará o desempenho de cada equipe e o número de respostas certas, atribuindo-lhe uma nota.

No final, o professor também dará uma nota, a qual será somada à do GTA e dividida por dois, prevalecendo a média como nota final. Logo após, será anunciado o resultado de cada equipe.

ATIVIDADES – LIÇÃO V

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Recurso audiovisual didático É todo e qualquer recurso utilizado no contexto de um procedimento de ensino visando estimular o aluno e objetivando o aprimoramento do processo ensino-aprendizagem.
- 2) ☐ O professor precisa ter consciência que o uso de recursos audiovisuais ajuda no processo da aprendizagem.
- 3) ☐ A utilização de recursos didáticos requer do professor preparação e domínio do conteúdo que será aplicado.
- 4) ☐ Dentre os recursos didáticos mais usados podemos citar o mural de recados e o mural livre. C
- 5) ☐ O uso do fantoche é um recurso que atrai muito a atenção das crianças para as histórias, facilitando o aprendizado.
- 6) ☐ A criatividade do professor é imprescindível para tornar a aula mais atrativa, principalmente quando o assunto é bastante denso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYRES, Antonio Tadeu. Como tornar o ensino eficaz. Rio de Janeiro, CPAD. 1994.
- ANTUNES, C., Manual de Técnicas - de dinâmicas de grupo, de sensibilização e de ludopedagogia. 13ª edição, Petrópolis, Vozes. 1998.
- BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- CARVALHO, César Moisés. Marketing para Escola Dominical; Como atrair, Conquistar e manter alunos na Escola dominical. CPAD, 2005.
- DORNAS, Lécio. Socorro! Sou Professor da Escola Dominical. Hagnos, 2002.
- DUALIBI, Roberto & Simonsen; Criatividade & Marketing; McGraw-Hill; SP
- EDWARDS, David I. Designando a instrução Bíblica, in 4ª Edição. Manual de Ensino para o Educador Cristão, Rio de Janeiro CPAD, 2005.
- ESTANQUEIRO, A. Saber Lidar com as Pessoas. Lisboa, Editorial Presença. 1992.
- FERNÁNDEZ, Alícia. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas; 1991.
- GANGEL &, kennet O., HENDRICKS, Howard G. Manual de Ensino para o Educador Cristão. Tradução de Luis Aron de Macedo. 4ª ed. Rio de Janeiro. CPAD, 2005.
- GANDIN, D. A prática do planejamento participativo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. Planejamento como prática educativa. 7.ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- HOUWARD, J. G., O líder eficaz. São Paulo. Mundo Cristão. 1987.
- LAKATOS, E. M & MARCONI, M. A. Fundamentos de Metodologia Científica, 2ª edição, São Paulo. Ed. Atlas. 1990.
- LEFEVER, Marlene D. Métodos Criativos de Ensino – Como ser um professor eficaz. 1ª edição, Rio de Janeiro, CPAD, 2003.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo, Cortez, 1994.
- LOPES, Jamiel de Oliveira e LOPES, Zilma J. Lima, Org. Educação Cristã, LDL Brasil, 2009.
-

- LUCKEZI, Cipriano G. Avaliação da aprendizagem escolar: SP. Cortez, 1995.
- MARQUES, J. C. (2004). Usos da inteligência para o sucesso: aprendizagem colaborativa e comunidades de aprendizagem, PSICO.
- NÓVOA, A. (Coord.) As Organizações Escolares em Análise. Lisboa, Publicações D. Quixote – Instituto de Inovação Educacional. 1992
- PIAGET, J. Aprendizagem e Conhecimento. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.
- ROSETTO, Eliane. Planejamento Criativo. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/francaonline/pol/planejamento-criativo.htm>. Acesso em 01 de fevereiro de 2005
- SILVA, Antonio Gilberto. A Escola Dominical. 6ª Ed. Rio de Janeiro. CPAD, 2006.
- _____. Manual da Escola Dominical: um curso de treinamento para professores iniciantes e de atualização de professores veteranos da Escola dominical. 29ª Edição Atualizada e ampliada. Rio de Janeiro, 2005.
- SOARES, A.R. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo>.
- TOBIAS, Cynthia Ulrich; Trad. Waléia Lamim Delgado Fernandes. Como as crianças aprendem. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- TULLER, Marcos. Recursos Didáticos para a Escola Bíblica Dominical. 1ª ed. Rio de Janeiro. CPAD, 2003.
- _____. Ensino Participativo na Escola Dominical — Uma nova perspectiva para a Docência Crista. 2ª ed. Rio de Janeiro. CPAD, 2005.
- WARD, Ted. Os Valores Começam no Lar. JUERP, 1981.
- Wechsler, Solange Múglia. Criatividade, Descobrendo e Encorajando. Editorial Psy, 1998.

SITES:

- http://www.profissaomestre.com.br/smu/smu_vmat.php?vm_idmat=610&s=501
- www.wikipedia.org
- www.prof2000.pt/.../audioweb/recav/pg000009.htm



O ensino teológico além das fronteiras.

**Rua Antônio José de Oliveira, 1180 – São Carlos
Caixa Postal 241 - 86800-490 - Apucarana - PR
Fone/Fax: (43) 3426-0003 / Celular: (44) 9131-6417
E-mail: contato@cetadeb.com.br
Site: www.cetadeb.com.br**